

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ

POLYANA DE ANDRADE TAVARES

**DESIGNERS COMO PRODUTORES DE CULTURA: ESTUDO
AUTOETNOGRÁFICO DE UM PROCESSO DE CONSCIENTIZAÇÃO COLETIVA**

CURITIBA

2022

POLYANA DE ANDRADE TAVARES

**DESIGNERS COMO PRODUTORES DE CULTURA: ESTUDO
AUTOETNOGRÁFICO DE UM PROCESSO DE CONSCIENTIZAÇÃO COLETIVA**

**Designers as culture makers: autoethnography study of a collective process of
critical consciousness**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial à obtenção do título de
Tecnólogo do Curso de Tecnologia em Design
Gráfico da Universidade Tecnológica Federal
do Paraná.

Orientador: Prof.^a Dr. Frederick Marinus Constant
Van Amstel

CURITIBA

2022



4.0 Internacional

Este trabalho está licenciado sob [Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/). Esta licença permite que outros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho para fins não comerciais, desde que atribuam o devido crédito e que licenciem as novas criações sob termos idênticos.

Conteúdos elaborados por terceiros, citados e referenciados nesta obra não são cobertos pela licença.

POLYANA DE ANDRADE TAVARES

**DESIGNERS COMO PRODUTORES DE CULTURA: ESTUDO
AUTOETNOGRÁFICO DE UM PROCESSO DE CONSCIENTIZAÇÃO COLETIVA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Tecnólogo do Curso de Tecnologia em Design Gráfico da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).

Data de aprovação: 8 de dezembro de 2022

Frederick Marinus Constant Van Amstel
Doutorado
Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Rodrigo Freese Gonzatto
Doutorado
Pontifícia Universidade Católica do Paraná

Lindsay Jemima Cresto
Doutorado
Universidade Tecnológica Federal do Paraná

**CURITIBA
2022**

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus amigos e camaradas de luta da Rede Design & Opressão. Ter participado da construção da rede foi um divisor de águas na minha vida e hoje entendo que foi fundamental no meu processo de conscientização. Ao Mateus, em especial, agradeço a generosidade e por permitir que sua história inspiradora fosse contada neste trabalho. Ao Eduardo, que me incentivou a contar minha história junto a de muitos outros na Revista Recorte. Ao Fred, colega da rede, mas também meu orientador, agradeço imensamente a todo suporte e encorajamento nesses meses de trabalho. Certamente, sua pedagogia crítica e libertadora foi fundamental nos rumos que a pesquisa tomou.

Agradeço às mulheres guerreiras da minha vida, minha avó Zenaide e minha mãe Solange, que inspiram a minha luta diariamente, mesmo que elas não entendam muito bem a dimensão disso. Aos meus avós, sou especialmente grata por terem me acolhido e nunca terem medido esforços para lutar por uma educação de qualidade para sua neta, que em meio a tantos desafios pode chegar à universidade.

Certamente, não teria sido capaz de conduzir este trabalho se não fosse pelo apoio emocional dos meus grandes amigos nesta jornada. Agradeço por estarem ao meu lado, me incentivando nos momentos ruins e me acolhendo nos momentos bons. Também quero agradecer ao meu companheiro e melhor amigo, Diego, que me incentivou a acreditar que este era um trabalho possível. Agradeço por ter tornado os momentos de tensão do dia-a-dia mais leves.

Por fim, agradeço a todos e todas camaradas de luta. Aos companheiros do PSOL, às companheiras do Juntas e aos queridos amigos da Virassol, obrigada por terem me ensinado como se luta e se constrói coletivamente: com ousadia, solidariedade e alegria.

"A conscientização está evidentemente ligada à utopia, de modo que implica a utopia. Quanto mais conscientizados somos, sobretudo pelo engajamento de transformações que assumimos, mais anunciadores e denunciadores nos tornamos. Mas essa posição deve ser permanente: a partir do momento em que denunciemos uma estrutura desumanizador, sem nos engajar na realidade, a partir do momento em que alcançamos a conscientização do projeto, acabamos por nos burocratizar se deixamos de ser utopistas."
(FREIRE, 2018, p. 59-58)

"Quando é verdadeira, quando nasce da necessidade de dizer, a voz humana não encontra quem a detenha. Se lhe negam a boca, ela fala pelas mãos, ou pelos olhos, ou pelos poros, ou por onde for. Porque todos, todos, temos algo a dizer aos outros, alguma coisa, alguma palavra que merece ser celebrada ou perdoada pelos demais."
(GALEANO, 2005, p. 22)

RESUMO

Este trabalho reflete sobre processos de conscientização coletiva pelos quais passam designers imersos no mercado de trabalho quando estes se organizam para se educar criticamente. Buscando dar ênfase às vivências pessoais da autora que participou de tal processo, este trabalho a entendeu como campo de pesquisa, ou sujeito-pesquisadora. Contudo, a pesquisa não se limita a analisar a experiência pessoal. Amparada pelo método autoetnográfico, que navega entre o autobiográfico e o etnográfico, busca-se compreender os processos individuais que permeiam seu contexto cultural, político e social, para ampliar a lente de investigação dos macroprocessos que por ali perpassam. Para trazer evidências da cultura em que a pesquisa está inserida, é realizada uma análise do relato de outro designer que, além de estar numa condição de consciência parecida com a autora, também compõe o mesmo espaço de educação informal que ela: a Rede Design & Opressão. Entende-se que a rede teve um papel fundamental nos diferentes trajetos de conscientização trilhados pelos designers. Suportada por uma contextualização teórica a respeito do conceito e resgatando a obra de Paulo Freire e Álvaro Vieira Pinto, este trabalho busca trazer uma reflexão sobre o papel de designers enquanto produtores de cultura.

Palavras-chave: Conscientização. Design. Opressão. Autoetnografia. Sentido do trabalho.

ABSTRACT

This work reflects on processes of collective conscientization through which designers immersed in the labor market pass when they organize themselves to critically educate themselves. Seeking to emphasize the personal experiences of the author who participated in the process itself, this work reads her as a field of research, or subject-researcher. However, the research is not limited to analyzing a personal experience. Supported by the autoethnographic method, which navigates between the autobiographical and the ethnographic, it seeks to understand the individual processes that permeate its cultural, political and social context, in order to broaden the lens of investigation of the macro processes that pervade there. In order to bring evidence of the culture in which the research is inserted, an analysis of the report of another designer is carried out who, in addition to being in a condition of conscience similar to the author, also composes the same informal education space as her: Design & Oppression network. It is understood that the network played a key role in the different paths of conscientization taken by the designers. Supported by a theoretical contextualization regarding the concept and rescuing the work of Paulo Freire and Álvaro Vieira Pinto, this work seeks to bring a reflection on the role of designers as culture makers.

Palavras-chave: Critical conscientization. Design. Oppression. Autoethnography. Significance of Labor.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Captura de tela da loja online: Make Brazil 2002 Again	15
Figura 2 - Equilíbrio triádico da autoetnografia	24
Quadro 1 - Alcance da publicação separado por setor de atuação de pessoas alcançadas	51
Quadro 2 - Alcance da publicação separado por cargos de pessoas alcançadas	51

SUMÁRIO

1. PRIMEIRAS PALAVRAS: A ALIENAÇÃO NO TRABALHO DOS DESIGNERS HOJE	10
1.1 Para quem eu escrevo?	17
1.2 Que fazer?: Sobre o escopo desta pesquisa	20
2. AUTOETNOGRAFIA: PROCESSO E PRODUTO DA PESQUISA	23
3. CONSCIENTIZAÇÃO	29
3.1 O processo de conscientização da opressão	34
4. A HISTÓRIA POR TRÁS DAS MINHAS ESCOLHAS TAMBÉM CONTAM EU QUEM SOU: O PERCURSO ATÉ ESTA PESQUISA	36
4.1 Palavra-ação: por que publicar um texto sobre meu processo de conscientização?	38
5. RELATO CULTURAL AUTOBIOGRÁFICO	41
5.1 Porque me demiti do dream job numa startup revolucionária	41
5.2 Analisando a repercussão do texto	50
5.3 Analisando o relato cultural autobiográfico do processo de conscientização	53
6. RELATO CULTURAL: O TRAJETO DA CONSCIENTIZAÇÃO DE MATEUS J. J. FILHO	58
7. DIFERENÇAS E SEMELHANÇAS: UMA REFLEXÃO DIALÓGICA DOS PROCESSOS DE CONSCIENTIZAÇÃO	67
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	71
REFERÊNCIAS	74

1. PRIMEIRAS PALAVRAS: A ALIENAÇÃO NO TRABALHO DOS DESIGNERS HOJE

Para gerar soluções cada vez mais inovadoras e oportunidades de mercado para as empresas que os buscam, cada vez mais designers são requisitados para vagas de trabalho que exigem pensamento criativo. A consequência disso para as empresas é ótima, pois serviços e produtos mais inovadores garantem a elas maiores lucros, rentabilidade e escalabilidade. Do outro lado, porém, vemos cada vez mais designers aceitando empregos que dispensam sua imaginação política e o pensar crítico em troca de um bom salário.

Em seu trabalho de conclusão de curso, a estudante de graduação em Design pela UTFPR, Rafaella Eleuterio (2019) sugere que atualmente o papel do designer exige mais do que o domínio sobre as ferramentas de design. Designers ocupariam funções que vão além da produção de artefatos, chegando, inclusive, a cargos estratégicos. Nesse sentido, é exigido desses profissionais domínio sobre gestão de projetos, priorização de tarefas e liderança. Isso torna-se claro quando analisamos a função de designers no mercado de trabalho nos dias de hoje. Seu papel é determinante em como aquela solução será recebida pela sociedade e as consequências que aquilo irá trazer para aquele contexto. Designers também são responsáveis pelos serviços e produtos que constroem e os impactos que recaem sobre a sociedade.

Mesmo que a consequência dessa expansão das responsabilidades de designer seja contribuir para a exploração de outros trabalhadores ou a sua própria. É uma relação de contradição, na qual o designer pode ser opressor e oprimido ao mesmo tempo. Sobre isso, vamos entender como essa contradição pode aparecer no trabalho do designer. Tomemos como exemplo o iFood, uma plataforma de entregas (*delivery*) com grande relevância no Brasil, sendo o aplicativo mais usado pelos brasileiros na categoria de alimentos e de bebidas em 2021 (DATA.AI, 2022 apud QUANTO, 2022). Os próprios designers da empresa, no episódio "Product Design no iFood" do podcast Layers Ponto Tech, afirmam que seu papel é essencial dentro da estrutura da companhia, uma vez que estes "decidem e direcionam os caminhos que os projetos irão seguir" (ROMANO; SANTOS, 2021).

Em paralelo, é interessante observar, a partir da análise semiótica do aplicativo feita por Da Costa e Velloso (DA COSTA; VELLOSO, 2021, p. 11), que "mesmo que as declarações das plataformas digam que elas são agentes neutros no processo de intermediação", o aplicativo é estruturado a fim de atribuir a cada grupo de usuários um papel específico. Dentre esses grupos está o Entregador, que "é visto como passivo, cumpridor de tarefas a quem são dadas poucas possibilidades de interferência no processo" (DA COSTA; VELLOSO, 2021, p. 11). Como resultado desta condição que foi criada, há inúmeras pesquisas relatando e denunciando a precariedade à que estes entregadores são expostos, acarretando consequências negativas e grandes retrocessos à classe trabalhadora. É o caso da reportagem feita pela Agência Pública (LEVY, 2022), que revela que "cerca de 61% dos entregadores declararam trabalhar sete dias por semana", com jornadas de mais de 10 horas diárias que eram muito comuns". Os trabalhos não regulamentados e mediados por plataformas como o iFood também tendem a contribuir para o "esfacelamento da classe trabalhadora frente ao capitalismo de plataformas" (GROHMANN, 2020, p. 116). Isso quer dizer que esse tipo de trabalho é potencializado na América Latina, uma vez que aqui o trabalho informal foi historicamente a norma, não a exceção (RIZEK, 2006). Os trabalhos informais são maneiras encontradas pela classe trabalhadora para gerir sua sobrevivência. Dessa forma, a plataformização do trabalho contribui para aprofundar o "privilégio da servidão" no "continente do labor" (ANTUNES, 2018 apud GROHMANN, 2020).

Ou seja, vemos que no caso de aplicativos como o iFood – e provavelmente tantos outros, o designer, que agora tem um papel estratégico, é co-responsável pelos impactos que o produto projetado gerou àquele contexto. Ao mesmo tempo em que ele é responsável por definir a estratégia de uma interface e desenhá-la, ele também contribui para a exploração e exploração do trabalhador que vai usá-la. Ao escolher quais os elementos vão compor essa interface, as cores, a linguagem visual, etc. o designer também faz uma escolha de como o usuário vai consumir aquela informação:

"Os objetos também têm agência sobre os indivíduos que os usam, e os aplicativos, enquanto artefatos, não estão fora desta lógica. À medida que se tornam familiares aos seus usuários, se intensifica o processo de alienação pelo qual os mesmos passam." (DA COSTA; VELLOSO, 2021, p. 11).

Porém, ao ser um designer, trabalhador, ele também está num lugar em que é oprimido pela estrutura de classes sociais, pois precisa vender sua força de trabalho

para gerar uma riqueza que não vai totalmente para ele, recebendo um salário em troca que contém muito menos do que o valor do trabalho dele gerou. Desse modo, o designer torna-se opressor e oprimido, ao mesmo tempo.

Este é um típico exemplo de como o design pode contribuir ativamente na produção e desenvolvimento de soluções que oprimem e exploram pessoas em suas diversas condições. Conforme conclui também a estudante de Design Gráfico da UTFPR, Luciane Hulyk (2021, p. 65), não há como negar o impacto do papel do designer ao construir esses bens e serviços, o que também "demonstra que os produtos do design refletem a consciência social de quem o projeta".

Sobre este tema, consciência social, ou consciência crítica, pode-se trazer exemplos da falta e/ou negação dela no design. É justamente nesse ponto que se caracteriza, para o filósofo e professor Álvaro Vieira Pinto (1982), o conceito de alienação: uma condição de um ser que se encontra privado de sua essência. No sentido mais restrito, histórico e social, a alienação "se refere ao estado do indivíduo que não retira de si mesmo, de seus fundamentos objetivos, os motivos, os determinantes com que constitui sua consciência, e sim os recebe passivamente de fora, de outros indivíduos (para os quais são válidos), e se comporta de acordo com esses motivos e determinantes como se fosse seus" (VIEIRA PINTO, 1982, p. 52). Ou seja, há uma perda de essência na alienação, pois "a essência que exhibe não é a sua", ela é praticamente imposta, uma essência deslocada, uma consciência alienada. Ao ter reprimida a sua própria essência, receber de outros indivíduos de forma passiva os parâmetros de seu pensamento – e não reconhecer sua origem ou questioná-la –, o indivíduo está num estado de alienação. No trabalho essa condição fica ainda mais evidente: o trabalhador não questiona o resultado de sua produção, o impacto na cultura ou até mesmo a forma como o próprio trabalho está organizado.

Para compreender as raízes da alienação do povo trabalhador, Álvaro nos apresenta ainda a alienação como um fenômeno do capitalismo neoliberal neocolonialista e como isso reflete na consciência de um povo. Nos "países subdesenvolvidos", Vieira Pinto (VIEIRA PINTO, 1982, p. 53) afirma que a consciência de si de um povo é ingênua e alienada. A essência, o modo de pensar, sua visão de mundo, se origina não de sua realidade, mas da realidade dos países que dominam culturalmente e financeiramente aquele povo, os países imperialistas. Desse modo, a

"consciência social comum" julga-se incapaz ou "sem condições de produzir o saber, a arte, o gosto, o estilo de existência" (VIEIRA PINTO, 1982, p. 54). Num fenômeno de alienação cultural (VIEIRA PINTO, 1982, p. 54), os indivíduos não se veem como produtores de cultura, pois acreditam que essa produção só pode ser patrimônio de nações ricas. Afinal, até mesmo suas visões de mundo não se originam de suas realidade, mas são "parte da dominação cultural que recebem dos centro dominantes".

Podemos ver como esse fenômeno se reflete dentro das empresas do capitalismo neoliberal, por exemplo, na prática do design em empresas de tecnologia, nas startups (como o iFood). De modo geral, são empresas e equipes de design ao redor do mundo que compartilham práticas e *toolkits* a serem aplicados de forma universal, ignorando a história e a subjetividade de quem aplica ou seus impactos sistemáticos na sociedade. Dessa forma, caracteriza-se como uma prática alienada, pois como diz Álvaro Vieira Pinto: "pretende-se modificar sua realidade com o auxílio de ideias e procedimentos que não foram induzidos do seu próprio mundo e sim importados de realidade sociais e culturais alheias" (VIEIRA PINTO, 1982, p. 53).

No pensamento de Álvaro Vieira Pinto, para que essa alienação cultural seja superada e torne-se injustificável para o povo brasileiro, o povo precisa adquirir consciência suficiente de si: "somente quando se inicia o processo de tomada de consciência por uma sociedade, surge a possibilidade da denúncia da alienação cultural da qual se encontra imbuída" (VIEIRA PINTO, 1982, p. 53). A propósito, em vias de romper com essa alienação, a professora Sabrina Fernandes reafirma a importância da conscientização, neste caso, de classe social:

"Para além de compreender sua posição como trabalhadora explorada no mundo, a consciência de classe incentiva a ação para alterar essa realidade coletivamente, já que não se trata de apenas uma pessoa trabalhadora explorada, mas um grupo na mesma condição - mesmo que em funções, tempos e lugares diferentes" (FERNANDES, 2020, p. 55)

Alguns designers contemporâneos difundiram a ideia de que o designer deveria – e poderia – adotar a posição de um intermediário neutro, que nega a própria subjetividade, em seus projetos de design. Este ideal de neutralidade descende do modernismo (CADURO, 2000, p. 4), movimento no qual, por exemplo, o designer gráfico holandês Wim Crouwel encontrou a maior parte de suas referências. Crouwel defende uma suposta neutralidade sustentado pelo argumento de que, ao contrário dele, um designer que só está disposto a fazer trabalhos com os quais concorda,

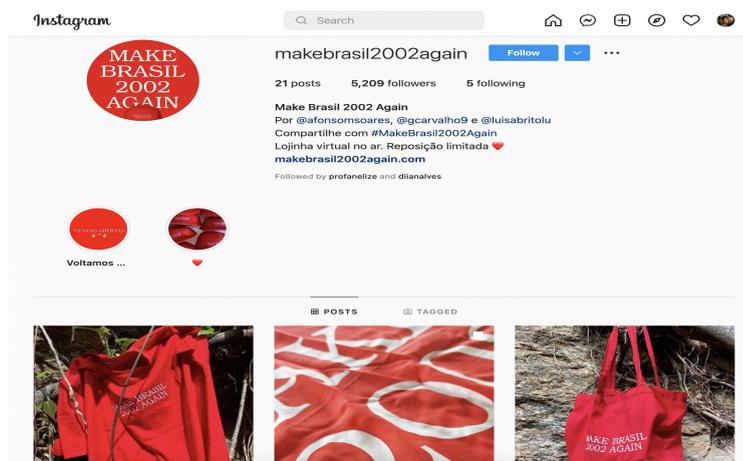
limitará suas opções profissionais (CROUWEL et al., 2015). Aliás, parece que orientados pelas opções e as condições de trabalho que o mercado oferece, muitos outros designers optam por abrir mão de sua agência política, escolhendo posicionarem-se como neutros ou não fazendo questão de se engajar criticamente com sua realidade. Entretanto, cabe aqui um questionamento: será que trata-se mesmo de uma escolha? Será que não se trataria de um aspecto da precarização do trabalho de design, já que esses não parecem ter muitas escolhas além das que lhes são oferecidas pela indústria para conseguirem sobreviver neste mundo?

Resgatando as declarações dos designers do iFood, o designer agora deixa de tomar decisões apenas pela estética. Torna-se assim, responsável também por recorrer a escolhas que priorizem as empresas, recorrendo a uma estratégia de negócios factível para converter valor e oportunidade de mercado (BROWN, 2009). Essa ideia faz com que muitos designers acreditem que estão posicionados no meio dos extremos reforçadores de opressões ou transformadores da realidade. Porém, no final das contas, ao assumirem uma postura "neutra" ou isenta, continuam "servindo ao extremo que oprime" (HULYK, 2021, p. 65).

No meio desses extremos pode existir, ainda, alguns outros caminhos. Por exemplo, há alguns designers que tomam consciência de suas condições, mas não partem para o próximo passo, o engajamento na luta anti-opressão. Dessa forma, alguns deles limitam-se a fazer um "design ativista", somente pelo apelo estético (PRADO, 2021). Nesses casos, o ativismo no design não é percebido como um meio para sua luta e, sim, como um fim. Em maioria, estes designers que consideram-se ativistas ficam imobilizados pelo próprio ofício e se limitam a projetar pôsteres e produtos, negando-se a questionarem profundamente suas realidades e a usarem essas questões para transformar radicalmente seus contextos por meio de ações concretas.

Como exemplo, podemos observar o caso da loja "Make Brazil 2002 Again" (Figura 1), uma clara propaganda eleitoral que faz referência ao ano de 2002, quando o presidente da época era o progressista Luiz Inácio Lula da Silva.

Figura 1 - Captura de tela da loja online: Make Brazil 2002 Again



Fonte: Acervo da Autora (2021)

Na escolha de cores e símbolos, nota-se que a identidade visual da loja se refere aos bonés distribuídos na campanha do político de extrema-direita Donald Trump, na época candidato à presidência dos Estados Unidos da América. O design, por si só, é problemático. Mesmo que tenha a intenção de aumentar o alcance do candidato de esquerda, Lula, não questiona a própria escolha estética que remete a um discurso que representa perigo para grupos oprimidos. O slogan original da campanha de Trump, "Make America Great Again", é problemático, pois como aponta Alan Kraut (2016): "Além de uma promessa, este slogan é um chamado à ação para remover a mancha e aumentar o brilho de uma grande nação e um povo nobre" (KRAUT, 2016, online, tradução da autora).

Ou seja, mesmo optando por um lado mais próximo de um "transformador da realidade", parece que estes designers até se conscientizaram de suas condições e assumiram uma posição política. Entretanto, assumiram uma postura, de certa forma, limitada. Nesse sentido, o design ativista, ao criar unicamente artefatos e não se engajar na luta pela liberdade das opressões e, até mesmo reforçar elas – mesmo que não seja sua intenção –, torna-se alheio à modificação de sua realidade. Pois, como sugere os estudos de Paulo Freire, para isso é necessária uma ação radical e concreta, entregue à práxis libertadora (FREITAS, 2016).

Ao colocarmos lado a lado as abordagens que incentivam uma suposta neutralidade do designer e as consequências em escala que um produto desse trabalho podem trazer para a sociedade, fica claro que a ideia de adotar uma postura

neutra ou ingênua é insustentável. Mais do que isso, adotar uma postura neutra é impossível, seja qual for o contexto, uma vez que tudo é político.

Uma das pessoas que contribuíram para que eu tomasse consciência dessa condição foi a professora e doutora em sociologia Sabrina Fernandes. Fundadora do projeto de educação política Tese Onze, Sabrina dissemina seus conteúdos em plataformas digitais de forma gratuita. Foi através dos seus vídeos no Youtube que eu fui inicialmente apresentada a questões sobre política e feminismo. Em seu segundo livro publicado, "Se quiser mudar o mundo: um guia político para quem se importa" (2020), Fernandes aponta que compreender que "tudo é político" vai além de enxergar tudo como uma mera escolha individual. Para ela – e para mim –, esta afirmação significa que a política é inescapável e está em tudo. Ou seja, "se é inescapável, torna-se difícil manter neutralidade ou isenção diante dela" (FERNANDES, 2020, p. 39).

Desta forma, é possível observar dois cenários que se contrapõem. Num primeiro cenário, percebemos o designer pouco ou quase nada engajado com a práxis libertadora, muitas vezes escolhendo um caminho em que se isenta de suas responsabilidades, seja qual for o custo dessa escolha. Já num segundo cenário, podemos perceber designers que conseguiram se enxergar conscientes em relação às contradições de seu ofício, compreendendo sua agência sobre isso e entendendo qual seria sua parcela de responsabilidade "na promoção de um design comprometido com a mudança social" como apontado por Eleuterio (2019, p. 27).

Como esse comprometimento seria possível? Em sua pesquisa, Hulyk (2021) encerra seu trabalho com considerações sobre a consciência social da designer. Afirma que pôde se enxergar como uma "profissional solidária", percebendo em sua atuação "o espaço para o questionamento a uma realidade opressora e passível de transformação" (HULYK, 2021, p. 68).

Em vista disso, este trabalho busca continuar e aprofundar as pesquisas desenvolvidas por Hulyk (2021) e Eleutério (2019) no que diz respeito à conscientização de designers. É a partir da vivência da Autora e de um fazer autoetnográfico, que será discutida e elaborada a presente pesquisa. Contudo, cabe reconhecer que o processo de libertação que Paulo Freire chama de conscientização,

não é nada simples. Ou melhor, como diz Freire: "a libertação é um parto doloroso" (FREIRE, 2019, p. 48).

Dada a dificuldade que encontrei ao pesquisar e devido à escassa produção científica sobre o tema da tomada crítica de consciência na área de Design, esta pesquisa busca refletir sobre os processos de conscientização em designers, principalmente membros da Rede Design & Opressão, a qual será apresentada mais adiante. Percebendo a discrepância entre designers conscientes e engajados e designers que negam até mesmo sua influência nos produtos ou serviços que projetam, esta pesquisa tem o objetivo de apresentar os trajetos deixados por designers em seus processos de conscientização, abrindo caminhos possíveis para outros que buscam a libertação das opressões.

1.1 Para quem eu escrevo?

Comecei a cursar design gráfico sem muito interesse no que a faculdade tinha a me oferecer além do diploma. O fato é que eu achava que a universidade me traria mais problemas do que aprendizados, afinal, eu já tinha uma rotina intensa na qual trabalhava 8 horas por dia e transitava entre 3 municípios, pois morava na região metropolitana de Curitiba, num local bastante afastado na periferia de Piraquara. Ficava das 7h30 às 23h30 fora de casa para cumprir as demandas do dia-a-dia. Voltava para casa tarde da noite, de ônibus, correndo perigos e inclusive vivenciando episódios violentos durante meus trajetos. Dentre outros motivos, era também por isso que a faculdade, definitivamente, parecia a demanda menos importante.

Nos primeiros meses de curso, já estava exausta. Repensei a minha matrícula algumas vezes. Estava crente de que não iria absorver nenhum conteúdo importante para minha trajetória profissional. Tinha a certeza de que o meu emprego como designer me ensinaria muito mais do que as aulas. Até considerei trancar o curso, coisa que fiz mais tarde, já numa etapa mais avançada da faculdade, para me dedicar ao meu mais novo trabalho na época, o meu emprego dos sonhos, o meu *dream job*. Definitivamente, meu emprego era a coisa mais importante na minha vida.

Assim como eu naquela época, vejo cada vez mais calouros e designers iniciando suas carreiras já exaustos e entediados com o que a faculdade tem a lhes oferecer. Por que estudar teorias e histórias do design, navegar entre as áreas de

atuação, conhecer diferentes materiais e processos se eu posso simplesmente ir trabalhar no mercado e conseguir a estabilidade que eu tanto almejo? Surgem cada vez mais cursos livres, oferecendo uma formação rápida e uma promessa de vaga em grandes empresas, almejadas pelos seus altos salários e seus descolados escritórios.

Esta realidade é preocupante, mas não é surpreendente. A nossa atual conjuntura não nos oferece muitas opções que não seja um pensar mais raso e pouco reflexivo. Os jovens, de maneira geral, sofrem com uma pressão enorme despejada sobre eles: precisam garantir logo sua independência financeira através de um bom emprego, mesmo que o futuro não os garanta nenhuma estabilidade. Especialmente para a população negra, feminina e periférica, o desafio se torna ainda maior, como aponta a pesquisa publicada pelo IBGE em 2020, no contexto da pandemia (MACHADO, 2020). Segundo a pesquisa da consultoria IDados (GERBELLI, 2020) os que mais têm dificuldade em encontrar trabalhos dignos e qualificados são os jovens negros: 37,9% dos homens negros e 33,2% das mulheres negras com ensino superior estão em ocupação que exigem apenas o ensino fundamental. A pesquisadora responsável, Ana Tereza Pires, ainda revela que "há inúmeras evidências de que existe discriminação na hora da contratação quando o funcionário é negro" (GERBELLI, 2020). Aliás, mesmo quando a população oprimida com origem mais pobre consegue ocupar um espaço no mercado de trabalho, ainda são os que mais têm dificuldades ou barreiras para subir na carreira, como indica o resultado da pesquisa feita pela McKinsey na América Latina em 2022 (LIMA, 2022).

Diante deste cenário, quase não há espaço e energia para sonhar e esperar outros caminhos possíveis diante de tantas demandas sufocantes, principalmente quando você é um jovem oprimido pelo sistema. Aliás, quase não há espaço para uma imaginação radical sobre nossas realidades, afinal, refletir e criticar demandam esforços e o capitalismo neoliberal definitivamente não foi feito para isso. É comum que o trabalho seja prioridade na vida dessas pessoas, sem que o produto deste trabalho ou a forma como é feito seja questionado.

Nesse sentido, pensar de forma crítica sobre sua profissão, engajar-se com movimentos que refletem e discutem, de forma engajada ou não, essas realidades é seguir no caminho contrário do capitalismo, de forma não alienada e consciente. Contudo, ter uma posição política demanda condições materiais, financeiras e

emocionais que nem sempre estarão ao alcance de todos. É neste caminho que surge também a ideia de resistência. Posicionar-se politicamente e colocar nossa reflexão a serviço de uma prática transformadora de mundos é, por si só, um ato político de resistência. Esses modos de existir são formas de confrontar a opressão que nos é imposta pelo capitalismo, patriarcado e colonialismo.

O cenário atual de design pode parecer empolgante para alguns pelo crescente número de vagas de trabalho, dada a utilidade desses profissionais nas empresas, como citado anteriormente. Ao mesmo tempo, este mesmo cenário também pode ser preocupante uma vez que o que se espera destes designers é um pensar limitado e alienado à prática do mercado. Este pensar dispensa o potencial verdadeiramente criativo, curioso e crítico que poderia ser adicionado a suas práticas para transformar a realidade. Aliás, criatividade, curiosidade e criticidade são elementos fundamentais para o processo de conscientização, como apontado por Freire (2005). É nesse sentido que, mais a frente, iremos adentrar na teoria da conscientização e pensar como ela se contrapõe à alienação.

Este trabalho, portanto, se destina a estudar designers que estão inseridos no mercado de trabalho (incluindo a Autora), mas que buscam reencontrar sua imaginação política, radical e transformadora através do engajamento com processos coletivos de conscientização. Na busca por refletir e pensar sobre conscientização entre profissionais designers, esta é uma jornada investigativa, que vai mapear diferentes trajetórias de tomada de consciência crítica e engajada entre designers da Rede Design & Opressão. A pesquisa busca descrever os trajetos encontrados por esses designers para lidar com a necessidade de manter uma fonte de renda para sobreviverem ao mesmo tempo em que trabalham pela sua libertação, ou seja, como lidam com as contradições do trabalho alienado capitalista.

1.2 Quefazer?: Sobre o escopo desta pesquisa

“É triste, mas, que fazer? A realidade é mesmo esta. A realidade, porém, não é inexoravelmente esta. Está sendo esta como poderia ser outra e é para que seja outra que precisamos, os progressistas, lutar” (FREIRE apud ZITKOSKI; STRECK, 2016).

"Quefazer" é um conceito do universo vocabular de Paulo Freire, que tem um significado semelhante a ideia de práxis (ZITKOSKI; STRECK, 2016). Quando o educador usa esta palavra em seus escritos, "que" diz respeito à busca de uma direção

e conteúdo para a ação, enquanto "'fazer' diz de forma direta que se trata de um agir no sentido de produzir algo" (ZITKOSKI; STRECK, 2016, p. 671). Amparada por esta ideia de Freire, apresento aqui o *quefazer* deste projeto: refletir sobre os processos de conscientização de designers imersos no mercado de trabalho que viveram e estão vivenciando este processo de tomada crítica da consciência das contradições através de iniciativas de educação crítica informal.

Durante todo o percurso deste texto, busco me reconhecer enquanto pesquisadora e também como objeto da pesquisa, apoiada pelo fazer autoetnográfico, o qual irei descrever mais a frente. Afinal, entendo que, assim como a prática de design, a pesquisa não pode ser feita a partir de uma posição neutra e não deve ser feita a partir de uma postura ingênua. Seguindo o que Silvio S. Santos traz em seu artigo sobre autoetnografia na pesquisa sociológica e o pensamento dos professores de sociologia Norman Denzin e Yvonna Lincoln (2000), não é sustentável assumir um lugar impessoal e objetivo durante a pesquisa. (DENZIN; LINCOLN, 2000 apud SANTOS, 2017).

É importante apontar que, antes e durante esta pesquisa, fui profundamente tocada pelas palavras de Paulo Freire e seu legado inspirador para uma pedagogia da libertação das opressões. Entendendo, contudo, que a pedagogia não se encerra no ensino e, aliás, se estende para campos que podem a tomar como referência, como o design. Afinal, como citam Zitkoski e Streck ao falar de Freire:

"A pedagogia é entendida, então, no sentido amplo do termo e sua presença se manifesta em todas as dimensões da vida humana em sociedade: relações familiares e sociais, na política e economia, na religião, nos processos culturais e educacionais, na organização dos movimentos populares, entre outras" (2016, p. 671-672).

Outro exemplo de como a pedagogia de Freire reverbera até mesmo no ensino e na pesquisa em design é a Rede Design & Opressão (Rede D&O). Fundada em 2020 a partir de discussões que pensavam o que Paulo Freire tinha a ver com design, se expandiu através de grupos abertos de estudo remotos. Os vídeos que sintetizam seus debates chegam hoje a mais de 11.000 visualizações no Youtube (Design e Opressão - Youtube, 2022).

Esta pesquisa é um meio para refletir sobre o processo de conscientização no design, a partir da definição de Paulo Freire, uma vez que a pedagogia também pode

se aplicar a esse campo. Fazendo isso, busco articular a teoria freireana sobre conscientização e dois relatos de designers que passaram por este processo, ambos membros da Rede D&O. Dessa forma, busco refletir sobre os processos de conscientização entre designers a partir destes relatos, destacando os trajetos encontrados pelos designers em questão. Um dos relatos mencionados, entretanto, é sobre o meu próprio processo de tomada crítica e engajada de consciência sobre as contradições da minha profissão enquanto designer. É dessa forma que pretendo fazer uma pesquisa autoetnográfica, navegando entre o "auto" (dimensão autobiográfica) e o "etno" (dimensão cultural) – que será apresentada mais adiante –, utilizando respectivamente a minha própria história e a história de outro designer que participou do mesmo espaço cultural que o meu, o qual foi fundamental em nosso processo de conscientização: a Rede Design & Opressão.

Para atingir esse objetivo, irei percorrer o seguinte trajeto:

1. Primeiramente, irei conceituar o método autoetnográfico e justificar sua escolha para esta pesquisa. Buscarei apresentar como se dá a sua prática, qual a sua importância e qual sua relação com o tema pesquisado. Apresentarei esta conceituação a partir de pesquisas autoetnográficas, como a do sociólogo Silvio Santos (2017), e de autores e autoras da autoetnografia, como por exemplo Tonny Adams, Stacy Jones e Carolyn Ellis (2015) e Arthur Bochner (2000).
2. Contrapondo a alienação no design apresentada no capítulo introdutório, farei um resgate teórico do conceito de "conscientização" a partir da teoria de Paulo Freire, indicando parte das origens de seu pensamento em Álvaro Vieira Pinto (1982). Nesta etapa, também buscarei exemplificar como Paulo Freire aplicou sua teoria de forma prática;
3. Apresentar o percurso e o resultado da produção de um relato de caráter autobiográfico que descreve o meu processo de conscientização – que ainda está em andamento – das contradições da minha prática em design. Nesta etapa, justifico a escolha da produção de um texto, exponho a minha história e minha relação com o tema da presente pesquisa e apresento como foi a minha trajetória para tomada crítica de consciência.

4. Depois de descrever o meu próprio processo de conscientização, buscarei fazer uma reflexão e apontamentos surgidos durante e após a produção dele, com o objetivo de evidenciar como se desenhou o trajeto para a minha tomada crítica da consciência e como este processo não é finito. Esta etapa, assim como descreve uma de suas principais teóricas, Carolyn Ellis, tem como proposta "descrever e analisar sistematicamente a experiência pessoal, a fim de compreender a experiência cultural" (ELLIS, 2004 apud SANTOS, 2017, p. 220).
5. Irei analisar o alcance resultante da publicação deste relato autobiográfico, buscando pensar como o texto se inseriu culturalmente e quais reflexões sobre conscientização entre designers ele levantou, expondo alguns de seus diferentes trajetos para tomada crítica da consciência.
6. Para trazer evidências da cultura em que a pesquisa está inserida (etno), trago uma reflexão sobre um texto também produzido por um designer membro do mesmo grupo que pertencço, a Rede Design & Opressão. Escolhi o diálogo com o relato do Mateus J.J. Filho pois entendo que nos encontramos numa condição de consciência muito parecida, além de ambos estarem inseridos no mercado de trabalho de design. Com o objetivo de mergulhar em pontos que foram abertos no seu texto, entrevisto o designer e busco investigar, junto com ele, como se deu seu processo de conscientização das contradições de sua profissão.
7. Por fim, busco fazer uma articulação entre a teoria da conscientização, o meu próprio processo e do designer entrevistado. Com isso, pretendo fazer uma reflexão sobre os diferentes trajetos encontrados para a conscientização das contradições presentes na profissão do designer.

2. AUTOETNOGRAFIA: PROCESSO E PRODUTO DA PESQUISA

"E é claro que tenho medo, porque a transformação do silêncio em linguagem e em ação é um ato de revelação individual, algo que parece estar sempre carregado de perigo" (LORDE, 2020, p. 53).

Assim como a escolha do tema da pesquisa, acredito que a metodologia por meio da qual se dá a realização da mesma é uma escolha que revela o meu posicionamento diante do contexto em que estou inserida, ou seja, o meu ponto de vista. Buscando um modelo alternativo de escrita onde pudesse expor minha relação com o tema de estudo, optei por utilizar a autoetnografia.

Segundo Ellis (2004), a autoetnografia é uma abordagem de escrita e pesquisa, categorizando-se como um método qualitativo de pesquisa que busca descrever e analisar de forma sistemática a experiência pessoal (auto) do sujeito pesquisador para compreender a experiência cultural (etno). É também a partir da origem da palavra que pode-se compreender a autoetnografia como "um tipo de fazer específico por sua forma de proceder, ou seja, refere-se à maneira de construir um relato ('escrever'), sobre um grupo de pertença ('um povo'), a partir de 'si mesmo' (da ótica daquele que escreve)" (SANTOS, 2017, p. 218). Em outras palavras, este é um método que permite "o reconhecimento e a inclusão da experiência do sujeito pesquisador tanto na definição do que será pesquisado quanto no desenvolvimento da pesquisa" (SANTOS, 2017, p. 219).

Como Adams, Linn e Ellis afirmam, a autoetnografia apresenta várias razões para ser escolhida por pesquisadores, sendo elas:

1) realizar uma crítica mais contundente, fazer contribuições e/ou estender a pesquisa e teoria existente; 2) abraçar a vulnerabilidade como uma maneira de compreender as emoções e melhorar a vida social; 3) interromper tabus, quebrar silêncios e recuperar vozes perdidas e desconsideradas; 4) tornar a pesquisa acessível a diversos públicos" (ADAMS; LINN; ELLIS, 2015, p. 36).

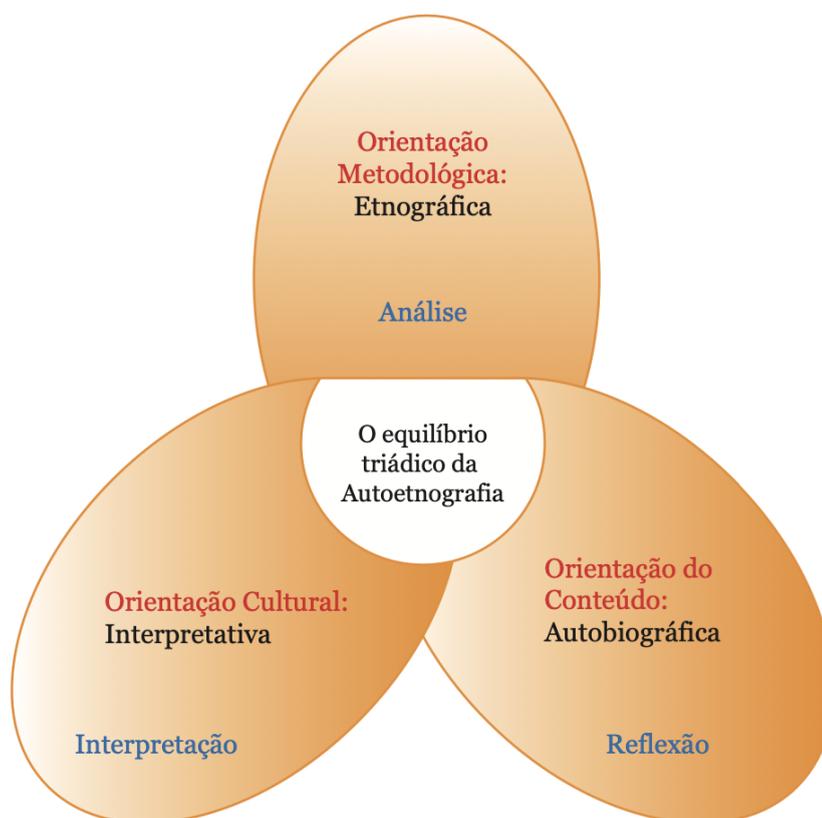
Portanto, este projeto utilizará a autoetnografia como método para atingir seu objetivo de pesquisa. Desse modo, a escolha desse método tem o objetivo de "reforçar o vigor e a reflexividade de um conhecimento que advoga o relevo dos microprocessos (individuais) para o entendimento dos processos macrossociais" (SANTOS, 2017, p. 239), que, no caso deste trabalho, são principalmente a alienação no trabalho do designer em contraste com a conscientização de suas

contradições. É possível, ainda, compreender o método da autoetnografia a partir de suas prioridades, que, conforme descrevem Adams, Jones e Ellis, são:

"a) a experiência pessoal na pesquisa e na escrita vem em primeiro plano; b) apresentar os processos de tomada de sentido; c) usar e demonstrar reflexividade; d) apresentar um conhecimento fruto da informação privilegiada de um fenômeno experiência social (ou cultural); e) descrever e criticar normas culturais, experiências e práticas; f) procurar respostas nas audiências (com os leitores, pares e sujeitos pesquisados)" (ADAMS; LINN; ELLIS, 2015, p. 25-26).

Dessa forma, é possível perceber de forma mais clara o que Chang, um teórico e pesquisador da autoetnografia, viria a chamar de modelo triádico da autoetnografia, conforme apresentado na Figura 2.

Figura 2 - Equilíbrio triádico da autoetnografia



Fonte: SANTOS (2017, p. 219)

Para o autor, este método está sustentado por três orientações. A primeira é uma orientação metodológica, de base etnográfica e analítica. A segunda é sustentada por uma orientação cultural "cuja base é a interpretação dos fatores vividos [...], do aspecto relacional entre o pesquisador e os sujeitos da pesquisa [...] e dos fenômenos sociais investigados." (CHANG, 2008 apud SANTOS, 2017, p. 218).

A última e terceira orientação é a de conteúdo: possui uma base autobiográfica aliada a um "caráter reflexivo" (CHANG, 2008 apud SANTOS, 2017, p. 218).

Assim sendo, ao considerar que sua orientação cultural tem base em recursos como a memória do sujeito pesquisador, "o uso da autoetnografia seria uma forma preciosa de colher dados sobre um passado vivido, relevante para caracterizar o objeto de estudo" (SANTOS, 2017, p. 216). Ao mesmo tempo, conforme aponta o mesmo autor, é justamente nessa diferença temporal entre o que foi vivido e o registro, que a pesquisa autoetnográfica se diferencia de outras formas de fazer pesquisa.

O sociólogo Silvio S. Santos, por exemplo, descreve como, em sua pesquisa de doutorado, partiu do nível micro da experiência pessoal vivida para recuperar questões macro da experiência cultural. Dessa forma, a autoetnografia pretende dar corpo às relações que se apresentam naquela experiência e também compreender o impacto dessas questões em outros indivíduos que também são impactados por elas:

"Essas relações, conquanto expressas/vividas no plano micro, são sempre travestidas e/ou perpassadas por macroprocessos – culturais, políticos, sociais, aí compreendidos os fatores étnicos e raciais, as questões de gênero e orientação sexual, entre outros –, de onde extraem seus significados" (SANTOS, 2017, p. 239).

Há ainda o potencial reflexivo que a autoetnografia apresenta, aliada à base autobiográfica de sua escrita. De forma similar ao processo de conscientização para Paulo Freire, aqui, a reflexividade se diferencia da simples compreensão sobre um fenômeno social, suas causas e impactos na sociedade. Para Leon Anderson, essa reflexividade vai além de nos darmos conta de sua complexidade e compreendermos que ela "expressa a consciência de sua conexão necessária com a situação de pesquisa e, portanto, seus efeitos sobre o sujeito pesquisador" (ANDERSON, 2006, p. 382 apud SANTOS, 2017, p. 223) e com todo o contexto de pesquisa. Ou seja, o fazer autoetnográfico exige do pesquisador "uma profunda e cuidadosa autorreflexão", tornando possível "citar e interrogar as interseções entre o pessoal e o político, o sujeito e o social, o micro e o macro" (SANTOS, 2017, p. 221). Podemos ainda destacar o aspecto autobiográfico que dá base e possibilita essa reflexividade. Afinal, na autoetnografia, "o pesquisador utiliza princípios da autobiografia e da etnografia para fazer e escrever" (SANTOS, 2017, p. 220). Ou seja, é tanto um

método de investigação como de escrita. Dessa forma, como um método, a autoetnografia torna-se tanto processo como produto da pesquisa (ADAMS; LINN; ELLIS, 2015).

É comum encontrar autoetnografias que começam com escritas pessoais (por exemplo, através de diários, narrativas, poesias, blogs). Dessa forma, os autores "exploram as suas experiências com o objetivo de compreendê-las" (SANTOS, 2017, p. 232), ao mesmo tempo em que o uso do 'eu' (do sujeito pesquisador), deve ser essencial para levar o leitor onde este não poderia chegar, sendo essencial para o argumento e não uma simples exposição pessoal (SANTOS, 2017, p. 232). Em outros termos, isso reafirma o compromisso da autoetnografia em entender os microprocessos individuais para proporcionar o entendimento de processos macrossociais.

Além disso, a escrita autoetnográfica com características autobiográficas também pode potencializar o alcance da pesquisa a "um público mais amplo, que a pesquisa tradicional ignora, por ter características evocativas da experiência pessoal e interpessoal" (SANTOS, 2017, p. 230-231). Afinal, segundo o autor, é também um aspecto comum a esse formato de escrita a produção de textos evocativos, a fim de levar o leitor para a cena com o objetivo de se enxergar naquela experiência. Para trazer exemplos dessa afirmação na prática, mais adiante neste trabalho, irei trazer relatos de como a audiência foi impactada pelo texto autobiográfico publicado online.

A linguagem na autoetnografia não é apenas um meio de comunicação *post-factum*, mas um meio de participação no fenômeno cultural, conforme destaca Santos:

"Do ponto de vista da narrativa formal, os autoetnógrafos muitas vezes escrevem usando a voz na primeira pessoa ou o seu ponto de vista, ou seja, o posicionamento do pesquisador como o narrador da história. O ponto de vista da primeira pessoa é decididamente subjetivo, porque o narrador relata o que ele ou ela observa (ou observou), as experiências, os saberes e o sentimento que fornece aos leitores sobre seus relatos enquanto uma testemunha ocular do fato vivido" (SANTOS, 2017, p. 232).

Na escrita autobiográfica da experiência vivida pelo sujeito pesquisador, o seu posicionamento e/ou seu ponto de vista fica em evidência, sendo também parte do produto da pesquisa.

A pesquisa no modelo autoetnográfico tira, portanto, a rigidez das definições norteadoras da pesquisa tradicional, dando abertura para a ampliação das questões trazidas na pesquisa (questões de classe ou estudos de gênero, por exemplo). Abre-se, assim, para "a pesquisa mais significativa (pensando no fator analítico/interpretativo e na dimensão *insider* do pesquisador em relação ao tema e campo de investigação) e útil (a partir do fator transformativo quando observamos o aspecto político e cultural)" (SANTOS, 2017, p. 224).

Outro aspecto importante da autoetnografia é seu caráter político e transformador. Assim como Reed-Danahay (1996, p. 3 apud SANTOS, 2017) aponta, o método adquire essas características ao assumir a voz de quem fala e em favor de quem se fala. É a partir deste apontamento que Santos (2017, p. 220) nos relembra dos "estudos queer, sobre o feminismo, o black feminism e a questão racial" para reforçar esse caráter. Este ponto é um grande motivador para que eu traga um relato pessoal para a pesquisa. Ao me identificar como uma mulher, nascida e crescida na periferia, vinda de uma classe social menos favorecida, escolhi fazer o uso da autoetnografia em meu trabalho de conclusão de curso para assumir minha voz e reconhecer as vozes de tantas outras como eu, num universo acadêmico onde o espaço para nós ainda está em processo de construção.

Como filha de uma empregada doméstica, que provavelmente seguiria o caminho da mãe se não fosse pelas oportunidades diferentes e pelo amparo de minha avó paterna, quero trazer para esta pesquisa o olhar de uma pessoa que sofreu opressões de classe e gênero durante sua vida e também na sua profissão. Com isso, busco adicionar fatores importantes para analisar o processo de conscientização das contradições do trabalho do designer a partir da minha vivência pessoal. Inclusive, é nesta compreensão que justifico parte da escolha de trazer um relato autobiográfico para esta pesquisa: é essencial que eu tenha passado pelo processo de conscientização para poder discutir e refletir sobre o tema.

Como foi apresentado anteriormente, a pesquisa autoetnográfica navega entre o autobiográfico e o etnográfico, buscando usar a narrativa pessoal para entender a cultura em que está inserida. Dessa forma, para compor esta pesquisa, será realizada mais à frente uma entrevista com outro designer, inserido na mesma cultura, processo formativo e profissão, para refletir sobre os diferentes processos de

conscientização dentro do design. O presente trabalho busca articular o relato pessoal e o relato de outro designer, inserido no mesmo contexto que a autora, para refletir sobre o processo de conscientização das contradições na prática do design.

O desafio, porém, é grande. Como aponta Santos (2017, p. 232), autoetnógrafos têm o desafio de conseguir organizar, usar e dar sentido a uma massa de informações decorrentes de vivências pessoais e contar suas próprias histórias ao lado de uma história de cultura.

3. CONSCIENTIZAÇÃO

O conceito de conscientização referenciado nesta pesquisa, segundo Freire, foi criado por volta de 1964, por membros do ISEB, o Instituto Superior de Estudos Brasileiros (FREIRE, 2018). Pode-se citar entre eles o filósofo Álvaro Pinto e o professor Guerreiro Ramos. Posteriormente o conceito foi reelaborado pelo educador e filósofo pernambucano Paulo Freire. Para adentrar na teoria da conscientização proposta por Freire e destacar as nuances históricas e sociais, é preciso entender quem foi essa grande figura da educação crítica e apresentar parte da teoria proposta por algumas de suas influências e um pouco da origem de sua pedagogia.

Paulo Freire sonhava e agia para transformar o mundo. Entendia a educação para liberdade como parte fundamental dessa caminhada. Preso e perseguido durante o golpe militar da década de 1960, foi exilado após colocar em perigo o irracionalismo anti-democrático que tomava conta do país: utilizava seu método de alfabetização e educação popular. Com isso, Freire teve que interromper o seu esforço no campo da educação de adultos e da cultura popular no Brasil, mas nunca parou de difundir suas ideias por onde passava e permaneceu fazendo história até os dias atuais, inclusive sendo nomeado patrono da educação brasileira em 2012 – 15 anos após sua morte (Portal do Ministério da Educação, 2012). Como resultado de sua práxis, influenciada por outros teóricos e professores – dos quais cabe citar Frantz Fanon, Amílcar Cabral, Guerreiro Ramos e Álvaro Vieira Pinto –, seu trabalho inspirou o que se tornou um "movimento pedagógico crítico mundial" (MALOTT, 2021).

Quando foi preso pela ditadura militar, Paulo Freire foi exilado e sua moradia passou a ser em países como Chile, Estados Unidos, Argentina, Suíça, entre outros. Durante seu período de exílio na Suíça, o educador realizou intervenções que foram organizadas e traduzidas no livro "Conscientização" (FREIRE, 2018). Além de comentar sobre suas experiências vividas no exílio no Chile, ao longo das quase duzentas páginas, Freire apresenta a filosofia e o procedimento metodológico desenvolvido por ele para alfabetizar adultos, mostrando porque acreditava que a alfabetização deveria passar, além da leitura da linguagem escrita, também pela conscientização. Ele pensou numa alfabetização que fosse "em si mesma um ato de

criação, capaz de perpetuar outros atos criativos” (FREIRE, 2018, p. 77). Dessa forma, adotava a ideia de que a criação de cultura de um sujeito era também um ato criativo. Ou seja, a conscientização era considerada por Freire uma forma de evocar a criatividade, por vezes reprimida ou apagada, daqueles sujeitos. Por este motivo, negava uma alfabetização puramente mecânica que não potencializava o processo criativo dos alunos. "Conscientização é apossar-se da realidade" (FREIRE, 2018, p. 60). É dessa forma que Freire descreve o processo da tomada crítica e engajada da consciência. Ou, até mesmo, da passagem da consciência ingênua e mágica da realidade para uma consciência crítica. Aliás, essa diferenciação entre modos de consciência foi primeiramente utilizada por um dos professores e filósofos isebianos (membros do ISEB) que influenciaram o pensamento de Paulo Freire: Álvaro Vieira Pinto.

Mesmo durante o processo de aprendizagem e os primeiros exercícios de leitura do método freireano de alfabetização, propõe-se que o aluno realize não apenas o conhecimento das palavras, mas também o reconhecimento, "sem o qual não há verdadeiro aprendizado" (FREIRE, 2018, p. 85). Quer dizer, Paulo Freire diferencia o conhecimento do reconhecimento, assim como o filósofo Vieira Pinto (1982) também diferenciou os estados de consciência crítica e consciência ingênua: à medida que o sujeito reconhece a objetividade como determinante de suas ações, abre-se espaço para uma consciência crítica. É por isso que o método de Freire era motivado em fazer o processo de alfabetização pela conscientização. De acordo com sua pedagogia, a aprendizagem em si já seria uma maneira de tomar consciência do real, só podendo se concretizar no âmbito dessa conscientização (FREIRE, 1967). Em outros termos, parte da ideia de que é preciso "levar os adultos a primeiramente se conscientizar, para que, em seguida, eles mesmos possam alfabetizar-se" (FREIRE, 2018, p. 79).

Para Vieira Pinto (1982), a consciência é uma "representação mental da realidade exterior, do objeto, do mundo, e representação mental de si, do sujeito, autoconsciência" (VIEIRA PINTO, 1982, p. 59). Em sua teoria, quando a percepção do estado presente da consciência não tem uma ideia clara de todos seus determinantes, a consciência é ingênua. Neste estado de consciência, "o sujeito não inclui em sua representação da realidade exterior e de si mesma a compreensão das

condições e determinantes que a fazem pensar tal como pensa" (VIEIRA PINTO, 1982, p. 59). Quer dizer, numa noção ingênua da consciência, o indivíduo não reconhece os determinantes que moldam sua consciência.

Em contraste à consciência ingênua, ou melhor, em antítese, está a noção de consciência crítica (VIEIRA PINTO, 1982). Agora, o indivíduo reconhece então a objetividade como origem do seu modo de ser, ou seja, percebe claramente as condições objetivas que a fazem pensar como pensa e de representar o mundo exterior e a si mesmo da forma que o faz. O filósofo ainda descreve a consciência crítica como autoconsciência, pois percebe seu conteúdo ao mesmo tempo em que reconhece seus determinantes. Dessa forma, Vieira Pinto apresenta o saber como uma manifestação intelectual da consciência, uma vez que este é "o produto da existência real, objetiva, concreta, material do homem em seu mundo, diferente da consciência ingênua que se apresenta como um conjunto de conhecimentos absolutos, abstratos, a-históricos" (VIEIRA PINTO, 1982, p. 62).

Na reelaboração do conceito de consciência e evidentemente inspirado por Álvaro Vieira Pinto, Paulo Freire (2018) introduz a noção de "estágios" de consciência. É assim que apresenta a ideia de que a consciência ingênua é a consciência no estado "natural", pois à medida que se passa para o estágio crítico, desnaturaliza-se. Ou seja, a consciência passa por um processo de humanização em que se percebe como humana e, portanto, sujeita e sujeito da história. Desse modo, assume a "vocação ontológica" do ser humano: a de se fazer sujeito do conhecimento, não mais um objeto do mundo. É essa passagem de estágio da consciência ingênua para crítica que Freire denomina conscientização. Entretanto, esse conceito não expressa apenas a mudança para uma consciência crítica do sujeito, mas também considera o que produz essa atitude crítica: a ação dialógica. Para Freire (2018), alcançar a conscientização é um processo que exige "em primeiro lugar, provocar uma atitude crítica, de reflexão, que leve à ação".

Nesse sentido, para ajudar o ser humano a realizar essa sua vocação ontológica – ser sujeito da história – é necessário substituir a captação mágica e ingênua da realidade por uma compreensão crítica. Freire então propõe que essa passagem de estágios da consciência seja evocada através de um "método ativo de educação, um método de diálogo – crítico e convidativo à crítica" (FREIRE, 2018, p.

92). Assim como ele, Vieira Pinto também sugere que "a concepção crítica [da educação] é a única que está dotada da verdadeira funcionalidade e utilidade, pois conduz à mudança da situação do homem e da realidade à qual pertence" (VIEIRA PINTO, 1982, p. 63). Podemos resumir, então, as propostas de educação de Vieira Pinto e Paulo Freire em ideias-força.

Para Paulo Freire, o ser humano é um ser histórico que, ao conscientizar-se, reconhece as condições objetivas de seu próprio pensamento, as quais refletem também em seu contexto e ações. Ao refletir sobre essas condições, o sujeito pode criar a sua própria história e ser livre (FREIRE, 2018).

Para fundamentar sua filosofia da educação, Freire se baseia em 6 ideias-força, apresentadas no livro "Conscientização" (FREIRE, 2018). A primeira ideia-força que guia o pensamento de Freire sobre a educação crítica, é de que é preciso atentar-se aos métodos de educação para que não reduzam os alunos a condição de objeto e sim, sustentá-los na posição de sujeito. Para tal, é importante levar em conta as condições que eles vivem, o local, o momento e o contexto - "a educação precisa ajudar o homem, a partir de tudo o que constitui sua vida, a se tornar sujeito" (FREIRE, 2018, p. 70).

A segunda ideia-força complementa e enriquece a primeira: é a partir da reflexão das condições que aquele indivíduo está inserido, que ele se torna sujeito. Afinal, para Freire, a vocação ontológica - a vocação de ser sujeito - só é possível "à medida que [...] refletindo sobre as condições espaço-temporais, mergulhamos nelas e as analisamos com espírito crítico" (FREIRE, 2018, p. 71).

O leitor é então apresentado à terceira ideia-força. Para Paulo Freire, é justamente no movimento de se mergulhar em seu contexto e refletir sobre ele que o indivíduo se engaja nele, onde "ele mesmo se constrói e se torna sujeito" (FREIRE, 2018, p. 72). Afinal, pelo fato de ser humano e ter a capacidade de representar a si mesmo e ao mundo, é capaz de "reconhecer que existem realidades que lhe são exteriores" (FREIRE, 2018, p. 72).

É a partir das relações que estabelece com seu mundo, se integrando naquele contexto e refletindo sobre os desafios que a vida lhe apresenta, o homem constrói sua cultura a partir da história:

"A cultura – ao contrário da natureza, que não é uma criação do homem – é a contribuição dada por ele à natureza. A cultura é tudo o que resulta da atividade humana, do esforço criador e recriador do homem, de seu trabalho para transformar e firmar relações de diálogo com os outros homens. Constitui também a aquisição sistemática da experiência humana, mas uma aquisição crítica e criadora – e não uma justaposição de informações que seriam apenas armazenadas na inteligência ou na memória, e não incorporadas em todo o ser e em toda a vida do homem. (FREIRE, 2018, p. 72)"

O sujeito, então, a partir das suas relações com o mundo, cria cultura no próprio ato de apresentar soluções para os desafios que a vida lhe apresenta. Por exemplo, ao decorar o formato do letreiro do ônibus que precisa pegar diretamente para ir ao trabalho, mesmo sem ser letrado e não conseguindo ler o nome indicado, o indivíduo cria sua cultura. Ao criar trajetos para lidar com as contradições do âmbito humano, também se produz cultura. É assim que Freire apresenta a quarta ideia-força para uma educação crítica.

Na quinta ideia-força, Freire apresenta o pressuposto de que ao criar cultura, o ser humano também cria história. Para Freire, história é "a série de respostas que os homens dão aos desafios que se deparam, provenientes da natureza, dos outros homens e das estruturas sociais". (FREIRE, 2018, p. 73). Ele ainda diferencia a história criada por sujeitos de suas épocas e a história vivida por pessoas que não apreenderam os temas de sua época. Neste último caso, o indivíduo está sendo apenas levado pela história, ao invés de fazê-la. A educação crítica de Paulo Freire e Vieira Pinto visam que o educando se veja como produtor de cultura e, portanto, sujeito da história.

Por último, o educador do povo apresenta a sexta ideia-força. Para ele, é necessário construir uma educação que tenha o objetivo de transformar o ser humano em sujeito. Dessa forma, abre-se os caminhos para que ele crie cultura, formule mudanças e respostas à sua realidade e faça a história. Essa educação deve ser libertadora e autêntica, não deve ser uma educação que tenha métodos que limitam pensamentos, moldam ou domesticam. Afinal, só é possível participar ativamente da história se há consciência da realidade e de sua própria capacidade de transformá-la. (FREIRE, 2018, p. 75)

3.1 O processo de conscientização da opressão

Paulo Freire entendia que a educação crítica deveria levar o ser humano a superar a compreensão ingênua para entrar numa compreensão crítica. Freire e sua equipe descreveram que ao aplicar um método pedagógico crítico para libertação, era preciso fazer o educando percorrer um caminho ao longo do qual o educando tomaria consciência:

- da existência de dois mundos: o da natureza e o da cultura;
- do papel ativo do homem na e com a realidade;
- do papel de mediação representado pela natureza para as relações e as comunicações entre os homens;
- da cultura como resultado de seu trabalho, e de seu esforço criador e recriador;
- da cultura como aquisição sistemática da experiência humana;
- da cultura como incorporação (por conseguinte, crítica e criadora), e não como uma justaposição de informações ou de prescrições "outorgadas";
- da democratização da cultura como dimensão da democratização fundamental;
- do aprendizado da leitura e da escrita como chaves pelas quais o analfabeto começa sua introdução no mundo da comunicação escrita;
- do papel do homem como um papel de sujeito, e não de simples objeto." (FREIRE, 2018, p. 93).

Ao passar por todo esse processo, tornando-se sujeito de sua própria existência, viveria então a mudança de suas atitudes internas. Portanto, descobrindo-se autor do mundo e reconhecendo a si mesmo como criador de cultura. Desse modo, reconhece que tem o mesmo valor que um letrado, que tanto ele quanto um escritor de livros são criadores de cultura, de mundos e de história. Para Ernani Maria Fiori (2003, p. 11), a pedagogia de Freire é um método de conscientização, pois entende que "a educação verdadeira conscientiza as contradições do mundo humano, sejam estruturais, superestruturais ou interestruturais".

Neste percurso até a conscientização e na compreensão crítica da realidade, os oprimidos vão conhecendo e reconhecendo o lugar que lhes foi atribuído e tudo que isto implica. Ao dar início ao processo de libertação, o que está para acontecer é o surgimento de um novo-homem, que supera a dicotomia de opressor e oprimido, um ser humano "em vias de se libertar". (FREIRE, 2018, p. 103) Neste processo, a solidariedade dos opressores com os oprimidos têm um papel fundamental em sua luta, num deslocamento de um pólo da contradição a outro (FREIRE, 2018, p. 104). Afinal, até mesmo os opressores só podem ser libertos quando os oprimidos o

fizerem, justamente neste processo de adotar uma nova forma de existência: nem oprimido, nem opressor.

Para sintetizar as ideias trazidas até então, é a partir dos conceitos de consciência ingênua e crítica em Vieira Pinto (1982) e sua reelaboração em Paulo Freire (2018), que foi possível entender que a passagem entre esses estágios pode ser induzida por um método pedagógico que busca superar a compreensão mágica da realidade. Esta passagem é chamada de conscientização, quando o ser humano realiza sua vocação ontológica de ser sujeito e criador de cultura. Em outros termos, este oprimido liberta-se de uma percepção limitada e objetiva da realidade, entende porque pensa como pensa. Com isso, se reconhece capaz de agir para mudar a situação indigna a que foi submetido e entende-se protagonista de seu processo de mudança, organizando-se com outros oprimidos para a sua libertação.

Fica claro, portanto, que o método de Freire era motivado em fazer o processo de alfabetização pela conscientização. De acordo com sua pedagogia, a aprendizagem em si já seria uma maneira de tomar consciência do real, só podendo se concretizar no âmbito dessa conscientização (FREIRE, 1967). Em outros termos, parte da ideia de que é preciso "levar os adultos a primeiramente se conscientizar, para que, em seguida, eles mesmos possam alfabetizar-se" (FREIRE, 2018, p. 79).

Sendo assim, o método de alfabetização freireano é um exemplo claro da aplicação das ideias-força que guiam seu pensamento: de que o homem é um ser histórico que deve reconhecer-se como sujeito, criador de cultura, que pode alterar a si mesmo e o meio que está inserido. A pedagogia freireana do oprimido, aqui exemplificada no contexto da alfabetização, evoca a criatividade dos sujeitos para transformarem a si mesmos e o mundo em que vivem, sem colocar o educador numa postura opressora.

4. A HISTÓRIA POR TRÁS DAS MINHAS ESCOLHAS TAMBÉM CONTAM EU QUEM SOU: O PERCURSO ATÉ ESTA PESQUISA

Quando iniciei o processo de pesquisa deste trabalho, deparei-me com diversas questões. Junto ao meu orientador, refleti sobre quais projetos eu gostaria de fazer que me colocariam no caminho que eu gostaria de seguir. Eu queria usar a minha pesquisa não só para transformar o mundo ao meu redor, mas também para me transformar - não somente enquanto designer, mas como sujeito político.

Foi com esse objetivo que escolhi a autoetnografia para contar a minha história enquanto contava a de muitas outras. Justamente por esta metodologia, oriunda da etnografia, propor que a pesquisadora – sujeito e também objeto da pesquisa – possa se transformar pelo contato com o outro, além de relatar os fatos de sua investigação e analisar os processos individuais para compreendê-los ao lado dos macroprocessos sociais (SANTOS, 2017). Ou seja, encontrei na pesquisa autoetnográfica a possibilidade de fazer o meu trabalho dar voz às minhas vivências pessoais para potencializar a vivência de outras. Busquei por temas que cercavam minha realidade e poderiam servir como fonte de transformação pessoal e coletiva. Foi assim que, inicialmente, tive a ideia de fazer um projeto com trabalhadoras domésticas.

Desde criança estive em contato com a realidade dessas e sua exaustiva jornada por meio das minhas tias e da minha mãe que limpam e organizam a casa de outras pessoas há pelo menos 20 anos. Sempre existiu em mim um desconforto e uma indignação em relação à desvalorização de seus trabalhos, à superexploração de seus corpos, à humilhação diante de seus patrões e à precariedade de direitos a elas direcionados. Eu trabalharia a partir da autoetnografia para pesquisar como o design poderia ser uma ferramenta de transformação para elas e como esse processo me afetaria enquanto designer.

Porém, no meio do caminho, vivi uma experiência angustiante e ao mesmo tempo libertadora, que mudou os rumos na escolha do tema. Por meio de diversos canais, passei por um processo de transformação radical, que me levou a dar nome às minhas angústias e transformá-las em ação. Entendi, de uma maneira

contundente, o meu papel político enquanto designer e as contradições da minha profissão como designer. Como resultado, pedi demissão da empresa onde trabalhava como designer e refiz o mundo que conhecia. Comecei a navegar nas contradições de uma forma diferente, buscando superá-las. Entretanto, criar um novo mundo e caber nele novamente não é tarefa fácil.

Vivi, e ainda vivo, um processo que Paulo Freire nomeou como conscientização. Porém, vale destacar que para Freire (FREIRE, 2005, p. 26 apud FREITAS, 2016, p. 174), este processo vai além da tomada de consciência, pois "não é ainda a conscientização, porque esta consiste no desenvolvimento crítico da tomada de consciência". Assim como Ana Freitas (2016, p. 173) descreve em seu texto sobre conscientização, este processo que vivi também foi "a condição para a assunção do comprometimento humano diante do contexto histórico-social" em qual eu estava inserida.

Provando que a tomada crítica da consciência "implica não apenas a consciência da realidade, mas também o engajamento na luta para transformá-la" (FREITAS, 2016, p. 174), busquei demonstrar através do meu relato os impactos e os trajetos que percorri durante minha conscientização, meu engajamento em movimentos sociais e na política. Dei vida a um texto de caráter biográfico no qual relatei este período e as reflexões que dele tirei, para posteriormente publicá-lo online numa revista de design, analisando também seu impacto nos leitores.

A decisão de publicar este texto veio a partir do convite de um camarada, professor e designer do Instituto Federal de Pernambuco (IFPE), editor da Revista Recorte (a qual publicaria meu texto), e membro da Rede Design & Opressão Eduardo Souza. Aliás, a Revista Recorte foi usada pelo próprio Eduardo como plataforma para expandir as discussões que começaram na Rede D&O e para potencializar histórias e processos vivenciados por diferentes membros. Eduardo já havia publicado, junto com alguns colegas da Rede D&O um texto chamado "Estar com os outros: projetar, ensinar e aprender com Paulo Freire" (DESIGN & OPRESSÃO, online, 2021). Foi também co-editor do texto escrito por Mateus Filho "Um identidade, mil encruzilhadas" (JOÃO PAULO FILHO, online, 2021). Ele havia acompanhado, através dos meus desabafos no *Twitter*, o momento em que pedi demissão do meu trabalho dos sonhos, que foi um momento marcante no meu

processo de conscientização. O que lhe chamou atenção para os *tweets* foi que isso parecia algo incomum de acontecer, principalmente ao se tratar de um emprego dos sonhos de muitos jovens designers, como eram seus alunos do IFPE, por exemplo.

Deste modo, eu comecei a enxergar todo o processo de uma forma diferente. Ao olhar para trás, fazer uma retrospectiva e refletir sobre essa trajetória, comecei a entender que toda aquela jornada se tratava de um processo interessante de ser compartilhado, pois poderia dar voz a sentimentos silenciados pela profissão. Aliás, mais do que isso, percebi que este poderia ser um dos objetos de pesquisa deste trabalho.

4.1 Palavra-ação: por que publicar um texto sobre meu processo de conscientização?

A partir da teoria de Paulo Freire (2018, p. 93), podemos entender que o texto é um produto cultural, uma vez que "toda criação humana é cultura". Porém, acredito que só percebi isso ao longo do processo de escrita. De início, me questionava se deveria ter mais conhecimentos ou prática de escrita para publicar um texto relatando a minha história. Foi um processo bastante difícil e trabalhoso, mas ao finalizar o texto, com a ajuda do co-editor, percebi que, como profissional de design, eu também era uma criadora de cultura. Refletindo sobre isso, percebi que não é somente na academia que há produção de cultura no design. Dentro do mercado de trabalho, há muita produção de conhecimento e cultura. Como cito mais a frente em meu próprio relato, são inúmeras opções de cursos e publicações em plataformas de fácil acesso para a comunidade de profissionais designers. É claro que precisamos questionar o conteúdo dessas publicações e a serviço de quem essa educação em design se sustenta, mas não podemos negar que muitas pessoas estão se formando por esses meios atualmente.

Podemos trazer dois exemplos de plataformas digitais que estão levando a educação que atinge pessoas do mercado de trabalho em design e que estão pensando-no de forma crítica. A Revista Recorte é um exemplo desses conteúdos que estão disponíveis amplamente, tendo um alcance que atravessa as paredes da academia, justamente por ser uma revista online de acesso aberto (*magazine*). A proposta da Revista é "contribuir para diversificar o discurso sobre design, não propondo verdades universais, mas ampliando perspectivas particulares, difundindo

discussões atuais e olhando para as antigas de um outro ponto de vista" (Revista Recorte, Sobre, 2022). Contando com uma coluna editada por Eduardo Souza chamada "Chão de Fábrica", publica textos com reflexões sobre o trabalho de design, se propõe a contar "histórias em primeira pessoa sobre trabalho, que possam inspirar a estruturar demandas e imaginar novas formas de organização." (Revista Recorte, 2022). É nesta coluna, inclusive, que meu texto foi publicado, ao lado do texto do colega Mateus J.J. Filho, que se soma ao meu relato.

Outro exemplo dessa produção cultural crítica dentro do mundo do design, que está disponível gratuitamente e de fácil acesso são os conteúdos, cursos e debates realizados pela Rede Design & Opressão. Como a própria rede descreve: "o objetivo da rede é estabelecer laços de solidariedade entre todas as lutas contra a opressão que passam pelo design como ferramenta, espaço, ou questão a ser transformada." (REVISTA RECORTE, online, 2022). Numa pesquisa realizada entre 114 membros da rede, foi possível compreender sua composição, destacando o caráter heterogêneo da comunidade: 20,18% eram professores, 46,49% eram estudantes e 33,33% eram profissionais (SERPA et al, 2021, p. 445). A Rede D&O chegou a publicar *lives* para marcar o encerramento dos estudos dos ciclos, realizando 4 *lives* até o final de 2021. A rede ampliou a "troca e a produção de conhecimento por meio da produção de material acadêmico audiovisual" (SERPA et al, 2021, p. 460) e com isso possibilitou o acesso e utilização dos materiais por professores, estudantes e profissionais de design. Por fim, o que os membros da rede notaram foi que os debates, *lives*, materiais produzidos estavam possibilitando a "formação de um coletivo cada vez maior e mais comprometido com outras formas de pensar e fazer Design, engajadas, críticas, politizadas e emancipadoras." (SERPA et al, 2021, p. 460).

Portanto, a escolha de produzir um texto foi também uma escolha política, buscando ocupar o espaço na educação em design no mercado de trabalho. Mais do que isso, busquei também trazer o meu relato pessoal para reconhecer vozes a experiências muitas vezes silenciadas.

Inspirada pelas palavras de bell hooks em "Ensinando a transgredir" (HOOKS, 2017, p. 233), busquei usar a escrita para transpor a minha experiência de conscientização para que pudesse gerar reflexões e identificações para outros

designers, em seus diferentes processos formativos. Ao fazer um análise sobre o texto escrito como prática libertadora dentro do movimento feminista, bell hooks percebeu que éera mais significativo quando o texto convida as leitoras a se engajar na reflexão crítica e na prática do feminismo:

"Para mim, essa teoria nasce do concreto, de meus esforços para entender as experiências da vida cotidiana, de meus esforços para intervir criticamente na minha vida e na vida de outras pessoas. Isso, para mim, é o que torna possível a transformação feminista. Se o testemunho pessoal, a experiência pessoal, é um terreno tão fértil para a produção de uma teoria feminista libertadora, é porque geralmente constitui a base da nossa teorização. Enquanto trabalhamos para resolver as questões mais prementes da nossa vida cotidiana, nos engajamos num processo crítico de teorização que nos capacita e fortalece." (HOOKS, 2017, p. 97).

Foi desta maneira que compreendi que a publicação do meu texto e tudo que perpassa por ele, poderiam se transformar em palavras-ação ao tocarem outras pessoas no caminho. Sendo assim, contrapondo palavras vazias, que "não geram criticidade, pois, críticos seremos se vivermos a plenitude da práxis" (FREIRE, 2005, p. 148 apud STRECK; REDIN; ZITKOSKI, 2016, p. 331), a palavra autêntica, a palavra-ação, se apresenta neste texto para manter "o contínuo diálogo entre a prática e a teoria, entre ação e ação e reflexão, entre anúncio e denúncia" (FREIRE, 2005, p. 148 apud STRECK; REDIN; ZITKOSKI, 2016, p. 331).

Escolhi produzir um texto que resgata até mesmo como comecei a me interessar pelo campo do design e como se deu o processo de alienação, apontando para diferentes espaços e condições onde esse pensar raso foi estimulado. Busquei expor o processo de conscientização crítica o qual fiz parte e os espaços e meios que me levaram até ele, como por exemplo a Rede Design & Opressão.

A escolha do título para o texto também não foi tarefa fácil, mas, junto ao co-editor, Eduardo, conseguimos chegar numa opção que chamasse atenção de diferentes públicos, com interesses distintos para se surpreenderem no final. "Porque me demiti do dream job numa startup revolucionária" (ANDRADE, 2022) é, em certo ponto, um título *click bait* (apelativo), que resume em poucas palavras o meu relato, mas esconde, intencionalmente, as reflexões que o texto se propõe a elaborar.

5. RELATO CULTURAL AUTOBIOGRÁFICO

O texto a seguir (Seção 5.1) foi publicado na Revista Recorte (ANDRADE, 2022), intitulado pelo mesmo nome da seção em 3 de março de 2022.

5.1 Porque me demiti do *dream job* numa *startup* revolucionária

No meio das *startups*, as referências de produtos e empresas disruptivas e inovadoras são sempre as mesmas: Spotify, Google, Facebook. Trabalhar nelas é o sonho de muita gente que atua na área da tecnologia, sobretudo de designers, que acreditam que sua atividade, lá, é levada a sério. Mas, convenhamos, são distantes demais: ingressar numa delas exige domínio do inglês, bom currículo, certo perfil demográfico, entre outras coisas. A competição é com pessoas do mundo todo. Para quem não poderia realizar o sonho, havia a alternativa das que nasciam no Brasil, que tornavam não tão distante assim a possibilidade de trabalhar numa empresa *super cool*: escritório com piscina de bolinhas e pingue-pongue, num ambiente *descontraído*, onde a autonomia é garantida e o design, valorizado. Será que é?

Eu nunca havia pensado direito no que eu queria pro meu futuro; sinto que não deu tempo. Saí do ensino médio como designer num *e-commerce*. Entrei na faculdade não porque achava que ia aprender alguma coisa – como o jovem acha que sabe tudo, né?! – mas porque, no meu contexto, ter um diploma não era uma mera conquista individual, e sim para toda a família. Era o mínimo que eu poderia fazer para retribuir. Mas, àquela altura, em que já era uma designer com carteira assinada, trabalhando 8 horas por dia, a faculdade era mais um empecilho na minha vida. Além de conciliar emprego e ensino superior, mergulhei de cabeça no “mercado de UX design”: passei por várias *startups* (foram 6 em 3 anos), ia a palestras, fazia cursos rápidos, participava de comunidades.

Nesses espaços, assimilei certas ideias sobre o mercado de trabalho e a carreira como UX designer. Uma delas foi almejar um trabalho na *fintech*¹ brasileira que se tornou a maior representante da empresa dos sonhos, se autoproclamando uma grande *startup*, inovadora, differentona, jovem, descolada, revolucionária. Essa

¹ Empresas de tecnologia que oferecem produtos financeiros de forma digital.

empresa era o terror dos “bancos tradicionais”, que ainda não tinham adotado essa estratégia. Ah, que sonho para designers era trabalhar lá, uma empresa que dizia fazer tanto pelos brasileiros, facilitando o uso do seu dinheiro. Foi justamente isso que me atraiu para o processo seletivo de *Product Designer* lá.

Duvidei, até a última ligação, que poderia ser aprovada, porque todos da área diziam que era superdifícil de entrar. Um mês depois, me mudei para São Paulo pra viver o grande sonho. Eu lembro de me sentir muito animada pra fazer parte de algo tão grande; algumas pessoas até me diziam “essa *startup* vai ser melhor que a faculdade” ou “depois dessa é só empresa internacional, ein!”. Mesmo trancando a faculdade e deixando minha rede de apoio e afeto em Curitiba, contava pros meus amigos com entusiasmo, porque eu queria mesmo usar meu trabalho para mudar a vida das pessoas: “tanto banco por aí enganando e roubando dinheiro das pessoas, finalmente surgiu algo diferente e agora eu sou parte disso”, pensava.

Logo nos primeiros dias, senti o impacto do *branding*: meus colegas amavam estar ali. Em suas redes sociais, compartilhavam com orgulho cada lançamento da empresa ou investimento recebido por ela. Assim como eu, muitos viviam o *dream job*; alguns comentavam sobre as incansáveis tentativas até conseguirem estar ali. Ouvi de um colega que, se eu saísse de lá, não teria lugar melhor no Brasil, porque eu “já estava no melhor time de design do país”. Quando eu mencionava esse emprego em uma conversa qualquer, impressionava as pessoas. Elas tinham muitas dúvidas sobre como era trabalhar lá e elogiavam a proposta da empresa. Ouvia: “Eu só uso esse aplicativo. Antes eu pagava taxa de cartão de crédito, agora não pago mais. Eles vieram pra facilitar nossas vidas.”

Quando entrei, passei por uma espécie de treinamento, o *onboarding*² – que, na verdade, começou já no processo seletivo. Os novos contratados aprendem os valores da empresa para começar seus trabalhos ainda mais imersos e engajados naquele modo de pensar. E essa missão era bem-sucedida a cada dia e a cada sessão de *onboarding*. Eu me sentia mais pertencente à empresa porque me identificava com a proposta à qual fui apresentada: tornar a vida financeira das

² *Onboarding* é um termo em inglês comumente utilizado na área de tecnologia para se referir a uma série de etapas para introduzir um determinado assunto. Aqui, *onboarding* se refere aos primeiros contatos com a cultura da empresa, regras de negócio, etc.

peças mais simplificadas e menos burocráticas. Nós éramos inconformados buscando fazer a diferença. E eu acreditei nisso por bastante tempo.

Dentre as diversas equipes na estrutura da empresa, fui parar na de empréstimos. De forma geral, éramos divididos por produtos e, dentro dessa categoria mais ampla, éramos subdivididos em equipes menores, os *squads* – uma organização conhecida por “formato Spotify”. Meu *squad*, uma equipe de mais ou menos 20 pessoas, era composto por dois *product designers*, uma *UX researcher*, gerentes de produto, pessoas desenvolvedoras e analistas de negócios. Eu era responsável pela experiência que o cliente teria ao acessar o produto de empréstimos no aplicativo. Por exemplo, para que alguém contratasse crédito pessoal, seria necessário passar pelo fluxo que eu desenharia. Ou seja, designer tomando decisões que facilitariam a experiência do cliente; na teoria, cabia a mim tomar decisões de interações novas ou alterações em fluxos já existentes. Bacana, não é?!

Mas só “na teoria”. Numa empresa, tempo é dinheiro, e isso tem um peso particularmente expressivo num banco. Tudo que a gente fazia tinha que estar conectado com os objetivos macro da empresa, que, no final das contas, era gerar mais capital e, com isso, crescer e mostrar que merecia a atenção de grandes investidores – mesmo que isso significasse fechar o ano no negativo. Na realidade, nenhuma funcionalidade começava a ser desenvolvida do nada para “facilitar a vida do usuário”. Era a partir de intermináveis dados e estudos de números e mais números, principalmente dos indicadores de receita, que uma iniciativa surgia e era priorizada para ir pra fila de produção e entrega.

No dia a dia, fui conhecendo melhor o produto de empréstimo. Sentia uma pressão intensa em torno de resultados – é que, geralmente, ele traz muito dinheiro para uma companhia financeira, devido às altas taxas de juros. Então, não é de se estranhar que as pessoas coloquem carga negativa sobre ele (e os bancos fujam desse nome com seus *rebrandings*). Fazer um empréstimo, para muitos, significa um fracasso, a última opção. Por outro lado, também era uma oportunidade de alcançar um grande objetivo – mesmo que isso significasse pagar ao banco cerca de 50% a mais do que ele te emprestou. Ou seja, mesmo trabalhando apenas com crédito pessoal, tornou-se impossível não enxergar as diversas contradições desse contexto

bancário, principalmente numa *fintech* que se afirma como diferente de todas as outras – e tem até fãs espalhados por aí.

Priorizar o que faria o banco crescer era um pressuposto aceito e muito bem difundido por muitos que trabalham lá – mesmo que isso significasse repentinamente recusar o empréstimo de alguém. Quando eu questionava, ouvia de diversas pessoas que a empresa não era uma instituição de caridade. Essa frase me incomodava muito, porque a empresa sempre se vendeu como quem estava do nosso lado: dos clientes, do trabalhador, do lado dos inconformados.

Mas não estava; é estruturalmente impossível que um banco esteja. Mesmo num banco onde tudo *parece ser* diferente, o que determina o acesso da população ao crédito é um número, um *score*. É o mesmo número e a mesma estrutura que determinam os rumos de um banco, seja ele qual for. Uma pontuação definida por um algoritmo em que dados de classe social, raça, gênero, entre outros, significam apenas *risco*. Um algoritmo que foi desenvolvido por pessoas para quem esses fatores atrapalhariam o escalonamento do processo – e, conseqüentemente, o tornariam menos lucrativo. Ou seja, uma lógica opressora, pois desumaniza os dados analisados, tornando o contexto da pessoa usuária algo totalmente invisível e irrelevante. Nada é diferente, mesmo que um banco tenha um investimento pesado no que chamam de *marketing humanizado*.

Pois é, os bancos e contas digitais que se vendem como revolucionários fazem mais do mesmo. Por quê? Porque continuam sendo bancos. Continuam sendo uma instituição que, essencialmente, existe às custas da exploração capitalista dos mais pobres, às custas das altas taxas de juros que somos obrigados a pagar por falta de escolha ou informação. Parece óbvio, mas levei alguns meses para absorver isso e entender a realidade em que eu estava inserida. Eu estava iniciando um processo que reconheço como “formação política”: por meio de reflexões, conversas e estudos sobre como surgiu e porque funciona (para poucos) até hoje a estrutura capitalista, fui me dando conta das contradições existentes neste sistema tão predatório e violento.

De fato, eu era uma pessoa inconformada, não só com o sistema financeiro, mas com a totalidade das formas de explorações capitalistas que tiram a nossa dignidade. Daí, comecei a aprender sobre a urgência da radicalização das lutas

anticapitalistas e, conseqüentemente, sentir como a luta do lado de cá é completamente diferente do que fazem do lado de lá. Tornava-se explícito para mim que o neoliberalismo tem papel fundamental e exitoso em criar uma cortina de fumaça no que separa a luta da classe trabalhadora do ideal violento, racista e egoísta da burguesia. Nesse processo, se apropriam do nosso vocabulário, da nossa estética, dos nossos sonhos e até das nossas dificuldades (que são sintomas do modo de vida deles) para confundir e embaralhar as fronteiras existentes entre mundos e interesses tão distintos. Muitas startups têm feito isso com excelência.

Ao mesmo tempo em que me dava conta dessa realidade, me identificava cada vez mais com a luta pelo fim do capitalismo e tudo que se sustenta nele – isso tornava meu cotidiano extremamente difícil. O trabalho era grande parte da minha vida e eu me percebia fazendo projetos e tomando decisões com que eu não concordava, pois sentia pressões de todos os lados: ser promovida, ter um salário melhor, não perder meu emprego e minha fonte de renda, continuar sendo respeitada no ambiente de trabalho. Foi a partir dessas contradições que minha desilusão com o trabalho começou a surgir.

Eu me sentia totalmente perdida e sozinha. Quando colocava minhas questões pros colegas mais próximos, era recebida com uma quantidade assustadora de conformismo. Conformismo e ausência total de imaginação política, mais ou menos como eu pensava antes da minha formação política. “*Mas é um banco, você quer o quê? O fim do capitalismo? Então conta aí pra gente como faz isso*”. Por isso, comecei a buscar mais espaços para elaborar as questões que surgiam na minha cabeça.

Eu não encontrava nenhuma brecha nas comunidades de design de que fazia parte no começo da minha carreira: lá, as discussões são sempre centralizadas no sucesso individual, no sucesso de grandes empresas ou, às vezes – e muito superficialmente –, em questões de falta de representatividade no design. No final das contas, é sempre um discurso esvaziado de crítica radical, porque seu objetivo é aumentar o *brand awareness* de alguém em algum blog famoso de design ou ganhar mais espaço no mercado de trabalho.

Então, busquei espaços completamente distanciados do emprego. Foi nos espaços mais “acadêmicos” que pude compartilhar minhas inquietações e elaborar

possibilidades de reflexão e prática. Especificamente, foi no Design & Opressão (D&O) que comecei a conhecer novas possibilidades de atuar enquanto designer. Conheci pessoas, coletivos e organizações que fugiam da lógica capitalista na qual design é historicamente imbricado e para a qual serviu como braço direito. Nesses encontros, motivada pelos debates ricos em crítica, sem medo de transformar minha construção de realidade e crenças, nasceu a vontade de mudar a forma como me relacionava com trabalho e com design.

Passei a entender toda a comunidade e o mercado de UX de maneira muito diferente. A “coincidência” de todas as referências de “empresas dos sonhos” serem do Norte global, eurocentradas, predominantemente brancas e estruturalmente muito semelhantes chama-se *imperialismo*. Só porque estamos num mundo digital, vocês não acharam que o imperialismo ia falhar, né?! A reprodução desses modelos aqui no Brasil é uma consequência direta das opressões estruturais, que são veladas pelo branding e pelo marketing, se valendo de um discurso que apaga o abismo entre um simples trabalhador e uma fintech.

Apreendi, com companheiros e companheiras do D&O e com Frantz Fanon, que *Os Condenados da Terra*³ não lutam do mesmo lado da burguesia, porque seus interesses são antagônicos. Se a nossa luta é para que não exista burguesia, eles não podem estar ao nosso lado. Depois, foi bell hooks que me apresentou a noção de que não somos duas partes isoladas de uma pessoa; nós somos um único sujeito, seja no trabalho ou em casa. Não há como separar a minha visão de mundo e meu horizonte político do meu trabalho. A única parte que se beneficia da compartimentalização da vida em caixinhas é o próprio sistema capitalista, que nos quer alienados e produzindo, seja como e o quê for. E, no final, voltamos para a casa e não nos preocupamos com o impacto do que fizemos no emprego, pois “era só trabalho”.

Assim, a urgência de uma força popular e unificada contra todas as formas de opressão que se escoram na estrutura capitalista foi ficando mais evidente. Ainda tentei conciliar os interesses nos meses que seguiam: no emprego, tomava decisões embalada por uma vontade de acreditar que estava *fazendo o bem*. Ao

³ Título da obra de Frantz Fanon (1996) que discute o processo de descolonização, especificamente da Argélia, luta da qual ele participou. O termo é utilizado por Paulo Freire na introdução ao Educação como prática da liberdade (FREIRE, 2019b).

mesmo tempo, me tornava consciente do imaginário colonizador a que essa ideia se conectava: “salvar” as pessoas da forma como elas lidavam com o próprio dinheiro, tornando-as dependentes daquele serviço. É como se nosso papel fosse transformar as pessoas naquilo que o banco queria, “ensinando” como deveriam se comportar financeiramente. Não porque elas teriam mais liberdade e dignidade, mas porque dessa forma elas se encaixariam no sistema de forma mais satisfatória pro “lado de lá” – uma espécie de conciliação de classes. O fato é que esse tipo de ideia, além de oprimir, não ajuda em nada no caminho pela autonomia dessas pessoas, uma vez que as torna cada vez mais dependentes e endividadas.

Em paralelo, tentei ressignificar o meu emprego e fazer com que fosse algo bom. Lá dentro, sentia falta da pluralidade de pessoas. Com colegas designers, incentivei discussões sobre diversidade no time; era uma ação que surgia “de baixo para cima”, com apoios pontuais da liderança. Em um esforço coletivo e, inicialmente num formato reduzido, levantamos dados demográficos da equipe. Como era de se esperar, concluímos que a diversidade racial, por exemplo, era vergonhosamente baixa – um sintoma de uma estrutura que oprime e exclui pessoas com gênero, classe e raça muito específicos.

Após alguns meses de trabalho árduo, tivemos poucos avanços, porque tínhamos que nos desdobrar entre prioridades do *squad* e as ações de diversidade e inclusão. Algumas coisas começaram a mudar só depois de quase um ano. Com o tempo, aprendi que nas *startups* a mudança é mais fácil quando as iniciativas acontecem “de cima para baixo”; como quando uma sócia é implicada em um escândalo envolvendo um discurso racista. Ainda assim, toda aquela *representatividade* parecia esvaziada. O modo de produzir se manteve intacto, com as metodologias importadas do Norte global para contextos sociais completamente diferentes, além de conservar as metas de crescimento. Foi assim que percebi que nenhuma meta de diversidade era capaz de tornar um banco ou um empresa capitalista em algo que fizesse bem para a classe trabalhadora.

Como é de se imaginar, todas essas tentativas de apagamento dos paradoxos da minha realidade não duraram muito tempo até eu me sentir completamente esgotada, desiludida e sem energia para continuar fazendo esse papel. Era exaustivo tentar isolar minhas crenças pessoais do que eu fazia no

emprego. Eu fui aprendendo, ao longo de muitos meses, que as contradições com que lidava eram insustentáveis para mim e, por outro lado, era preciso aceitar que elas sempre existiriam. Essa foi uma etapa fundamental. Mas igualmente importante foi entender que podemos agir para confrontá-las: cada um pode encarar sua realidade e analisar quais contradições queremos, conseguimos e podemos bancar. Eu já não queria fazer parte da construção de um império que não beneficiava os meus camaradas e a minha luta; eu precisava e pude encarar essas contradições e transformar toda essa angústia em ação.

Eu busquei algumas alternativas. Primeiro, pedi demissão e fui trabalhar numa outra empresa, que não era uma *fintech*, porque achei que, só de sair do mundo financeiro, minhas angústias se resolveriam. Claramente me enganei; só durei 3 meses lá. Aprendi mais uma vez que existem incoerências com que podemos lidar mais facilmente, mas que também há coisas de que não há como abrir mão, se são importantes para nós e nossos objetivos. No meu caso, eu aprendi que o ambiente de trabalho precisava ser leve e eu precisava me sentir conectada e engajada com as pessoas ao meu redor. Desempregada de novo, fiz uma pausa para refletir e elencar o que era importante para mim, o que eu era capaz de bancar enquanto contradição e quais eram de fato as possibilidades que eu tinha.

Foi um período de introspecção intensa, porque não estava mais vinculada a nenhum emprego pela primeira vez em 5 anos. Foram 3 meses “parada”, com a cabeça funcionando a todo vapor. Percebi, finalmente, que meus ideais até então sempre foram muito vinculados à carreira e ao trabalho e que minha imaginação política havia sido roubada de mim muito cedo. Eu estava no meio de um processo difícil de retomá-la. Precisei me afastar até dos espaços políticos onde estava organizada e pausei os estudos aos quais vinha me dedicando. Eu sentia que tudo isso, somado ao que me deixava angustiada na minha carreira, era coisa demais pra lidar.

O que havia me levado àquela *startup* foi uma idealização de como nós, designers, poderíamos mudar as coisas numa proporção muito maior do que, de fato, somos capazes. Justamente pelo que passei lá – e em tantos outros lugares –, aprendi que a mudança radical em que tanto acreditava não viria de dentro de uma empresa capitalista. A superação de um sistema violento só poderia vir do coletivo,

da práxis por um ideal político radical e em espaços de luta. Entendi isso e, a essa altura, também sabia que precisava estar bem para conseguir voltar à minha militância. Hoje, com cuidado e já consciente das minhas limitações, voltei a participar e fazer parte desses espaços que tanto me acolheram e despertaram: o Coletivo Juntas, o Mutirão do Bem Viver e o Design & Opressão.

O emprego sempre me tomou uma grande parcela da minha vida e me deixava sem energia para nada além dele, mesmo quando eu não concordava com o que estava produzindo. Aliás, *principalmente* quando eu não concordava. Para lidar melhor com as contradições que eu sabia que iria sempre encontrar pela frente enquanto trabalhadora – a classe que depende de uma fonte de renda estável para sobreviver – fui retomando hábitos e paixões que há tanto havia deixado de lado. Voltei a fotografar, a escrever, a ler, comecei a fazer aulas de circo, que até hoje tento conciliar com a rotina (quando dou conta).

Alguns meses depois, encontrei um trabalho onde tenho conseguido lidar com as contradições de forma mais leve – sem tentar apagá-las, porque encontro satisfação em outras coisas que são inegociáveis para mim. No começo, até achei que iria achar o trabalho perfeito, mas logo retornei à conclusão de que mesmo que a proposta parecesse a mais coerente possível, ainda seria uma empresa capitalista – e toda empresa, para sobreviver nesta estrutura, precisa ser rentável. A questão era: eu conseguiria bancar emocionalmente e materialmente a forma como ela se mantém financeiramente? Ainda bem que eu pude escolher uma empresa em que a resposta era sim.

Pode ser que você tenha uma boa oportunidade de emprego, com um bom salário e com coisas que você valorize e esse emprego seja numa *fintech*, num banco. Se a luta contra a opressão é importante pra você e se você precisa desse emprego para atender suas necessidades emocionais e materiais, não é um problema permanecer nele para continuar em luta fora do trabalho. O importante é você estar consciente das contradições existentes, entender do que você dá conta e das limitações do trabalho de um designer. Não é porque você é um designer que conversa com os clientes que você vai conseguir atender todas as demandas dele. Afinal, pode ser que a melhor coisa para o cliente seja que a empresa em que você trabalha deixe de existir.

Retirar o emprego do lugar de prioridade da vida me ajuda a lidar com esses fluxos. Hoje entendo que toda a luta deve e pode acontecer por fora dele, o emprego é só uma parte do trabalho. Participar de redes, coletivos e organizações com direcionamento político alinhado ao meu faz renascer a vontade de lutar por um mundo em que as contradições do capitalismo e o próprio sistema sejam superados e se tornem obsoletos. Consegui me libertar de uma ideia conformista e paralisante de que não há saídas. Até agora, tenho conseguido sustentar. Pode ser que um dia eu não consiga mais, não dá pra prever.

5.2 Analisando a repercussão do texto

Uma das prioridades da autoetnografia é, sobretudo, procurar respostas nas audiências da própria pesquisa. Ou seja, de forma recíproca, trazer os leitores para participarem da pesquisa a fim de mostrar, junto a eles e de forma criativa, o que as experiências relatadas mostram e o que podem significar (ADAMS; LINN; ELLIS, 2015, p. 25-26).

Com isso, depois que o relato autobiográfico foi publicado, busquei compreender e analisar a repercussão do texto sobre esses leitores. Dessa forma, compilei alguns comentários recebidos e alguns dados quantitativos dos acessos à publicação que levantam questões e possíveis apontamentos importantes para a pesquisa.

Como mencionado anteriormente, o texto foi publicado na Revista Recorte, *online* desde 2020, com mais de 50 artigos publicados em seu *website*, todos sobre "tudo o que é, passa por ou passa perto do design" ("Sobre", 2022). A revista conta com mais de 5.000 seguidores em seu perfil no Instagram, sendo esse seu principal canal de divulgação.

Aproximadamente 1 mês depois da publicação de "Porque me demiti do dream job numa startup revolucionária", o texto se revelava como o mais acessado da história da revista até então, contabilizando mais de 5.514 acessos únicos no Google Analytics (ferramenta de acesso restrito) em 2022. Na mesma linha, ao compartilhar o *link* que levava ao artigo em meu perfil no LinkedIn, a postagem teve mais de 19.000 impressões, 241 reações, 29 comentários e 11 novos compartilhamentos (2022).

Ao analisar os dados demográficos de pessoas alcançadas pelo compartilhamento no LinkedIn – oferecidos com base nos parâmetros da própria rede social (Quadro 1) –, trabalhadores dos setores de Tecnologia da informação e serviços e Design foram os mais impactados, seguidos por Marketing e publicidade, Software e Serviços financeiros. Os cargos dos perfis mais alcançados foram, em sua grande maioria, designers, como apontado no quadro 2.

Quadro 1 - Alcance da publicação separado por setor de atuação de pessoas alcançadas

Setor	N. de pessoas alcançadas
Tecnologia da informação e serviços	1.313
Design	1.238
Marketing e publicidade	872
Software	511
Serviços financeiros	140

Fonte: Análise da publicação do LinkedIn (2022)

Quadro 2 - Alcance da publicação separado por cargos de pessoas alcançadas

Cargos	N. de pessoas alcançadas
Designer de produtos	519
Engenheiro de software	334
Designer gráfico	193
Diretor de arte	151
Designer de experiência do usuário	140

Fonte: Análise da publicação do LinkedIn (2022)

Diante disso, pode-se perceber o alcance, chegando principalmente a designers, mas não se restringindo somente a esses. Contudo, o objetivo de expor esses dados não é ilustrar, exclusivamente, o impacto quantitativo nas plataformas onde foi publicado. Ao expor esses dados, busca-se adicionar elementos para fundamentar algumas perguntas que permeiam esta pesquisa: a) a quem interessa o processo de conscientização de designers?; b) que impacto um relato autobiográfico, que expõe a tomada crítica de consciência de uma designer, pode ter

sobre seus leitores?; c) que caminhos se abrem e quais possibilidades o impacto da publicação daquele texto revela?

Seria possível, somente com os dados quantitativos, apontar uma escassez no que diz respeito à produção de textos acessíveis para a comunidade além da academia sobre o tema? Que, justamente a falta de espaços para falar e produzir reflexões sobre o tema, de forma segura, contribui para a manutenção da alienação de trabalhadores desse campo?

Essas hipóteses revelam, ao mesmo tempo, a necessidade de trazer dados qualitativos das audiências alcançadas pelo texto. Reafirmando o que a autoetnografia se compromete em entregar — uma reflexão crítica do sujeito produtor e produzido pela cultura, busquei trazer relatos espontâneos desses leitores com o objetivo de ilustrar e dar corpo aos questionamentos que baseiam esta pesquisa. Num primeiro momento, será feita uma exposição de relatos selecionados, apontando sua relevância para a discussão a que esse trabalho se direciona. Os nomes serão anonimizados, utilizando apenas as iniciais para proteger a integridade de seus autores. Em seguida, os comentários aqui expostos também servirão como base para refletir sobre a conscientização no campo do design.

Alguns comentários recebidos através de mensagem direta ou na postagem do LinkedIn revelam a identificação que muitos sentiram ao ler o texto, que se dá por motivos variados. Alguns leitores disseram que, assim como a Autora relata, estão passando por um momento de reflexão e questionamento sobre suas profissões e seus atuais empregos, sendo o texto um meio para traduzir as angústias que sentem, como afirmam os leitores R. B. e P. H.:

"(...) Traduziu muitas angústias que sinto! Fico muito feliz que você tenha encontrado espaços para refletir e amadurecer mais sobre seus limites. Tenho tentado fazer isso também, mas não encontro muitos lugares pra fazer isso em conjunto." (R.B.)

"Li seu texto na revista recorte e me identifiquei com muitos questionamentos internos e angústias que nunca consegui transcrever. Obrigada por compartilhar a tua experiência, tenho certeza que ela vai tocar várias pessoas também. Me fez refletir muito!" (P.H.)

Mesmo quando é apontada uma identificação, aparece, ao mesmo tempo, outras questões que podem ser desdobradas a fim de analisar sistematicamente o contexto cultural desses leitores. Por exemplo, logo acima, R.B. nos revela que mesmo tentando buscar espaços para refletir e discutir sobre suas angústias, não consegue encontrá-los. Esse é um relato que demonstra uma certa escassez em lugares abertos ao debate crítico e engajado da prática do design. A propósito, algumas pessoas buscaram saber mais sobre tais espaços, redes e coletivos que a Autora indica no texto, com a intenção de participar da construção de lugares onde suas profissões sejam debatidas criticamente, como por exemplo no comentário da leitora C. V.:

"Arrasou demais no texto! Eu tive esse mesmo processo de entendimento de até onde consigo ir em contradições com o capitalismo. Felizmente foi bem cedo e tem uns anos que vejo trabalho apenas como fonte de renda, mas saí da [empresa X] também porque parei de ver sentido no produto e no que estava fazendo, assim como vc na [empresa Y]. [...] Fiquei interessada nos coletivos que citou, como faz pra participar?" (C.V)

Portanto, mesmo sendo um relato pessoal de um processo de conscientização específico, a partir de circunstâncias únicas, a publicação dele na Revista Recorte abriu portas para discutir sobre o tema com outras pessoas. Ele se mostrou uma ferramenta possível para se refletir sobre o tema da conscientização entre designers, induzindo até mesmo que alguns procurassem espaços coletivos como a Autora fez em seu trajeto.

5.3 Analisando o relato cultural autobiográfico do processo de conscientização

Como parte importante da etnografia e com o objetivo de compreender a experiência cultural (ELLIS, 2004 apud SANTOS, 2017, p. 220), este capítulo se destina a analisar sistematicamente a minha própria experiência contada através de um relato, que também foi publicado online. Buscarei refletir sobre alguns pontos trazidos no meu texto, com um olhar temporal diferente de quando o escrevi e, com

certeza, com mais conhecimento do que tinha na época, justamente por estar produzindo esta pesquisa.

Em meu texto (ANDRADE, 2022), eu conto sobre como e porquê tomei a decisão de pedir demissão de um trabalho que já tinha sido parte dos meus sonhos. É possível fazer uma análise sobre diferentes perspectivas, como por exemplo a cultura organizacional das *startups* de tecnologia ou as problemáticas da educação acrítica em design no mercado de trabalho. Porém, aqui eu busco fazer uma reflexão sobre o processo por trás dessa história, que foi como eu fui me conscientizando criticamente das contradições da minha profissão, o que me levou a uma série de ações, mas também só foi possível por causa delas, numa relação dialética.

Ao começar a me dedicar em estudos sobre política, sabia que era uma parte importante que me faltava e que pouco tive acesso na educação formal e informal de designer. Como consequência desses estudos, fui me distanciando dos processos de educação informal da profissão. Percebi que era raro encontrar um texto, um curso ou um material com conteúdo político que reconhecesse o designer como ser político em sua prática. No próprio dia-a-dia do trabalho, essa questão era pior ainda: havia pouco ou zero espaço para debater as questões sociais e sistemáticas que nosso trabalho impactava. Busquei por espaços em movimentos sociais e partidos políticos, pois queria encontrar um lugar onde pudesse debater essas questões abertamente e aprender. Entendi que a construção da consciência crítica e engajada é algo que não vai acontecer dentro das instituições capitalistas, elas podem até ajudar, mas o verdadeiro trabalho é feito na base dos movimentos sociais e populares. Filiei-me ao Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), um partido da esquerda política, e junto a esse movimento comecei a fazer parte do coletivo feminista Juntas. Afinal, a pauta do feminismo anticapitalista representa a pauta das mulheres trabalhadoras. Porém, por mais que eu estivesse começando a me engajar politicamente, sentia que o trabalho era uma parte fundamental da minha vida e ainda estava em desequilíbrio com toda essa movimentação.

Buscando por Paulo Freire e interessada em discutir questões de opressão, entender as lutas e me aproximar do ambiente acadêmico, conheci a Rede Design & Opressão. Os estudos em grupo foram me abrindo a mente para inúmeras reflexões

e apresentando várias contradições do design, muitas sem respostas que por vezes me faziam encerrar o dia angustiada. Eu me perguntava: "e agora?! Como é possível continuar sendo designer se o design nasceu pra ser o braço direito do capitalismo e eu quero o fim desse sistema?". Porém, ao longo dos encontros, das produções de *lives*, das preparações para as discussões – das quais também fiz parte como organizadora, ou "complicadora", como chamamos na rede (SERPA et al, 2021) –, pude compreender que as contradições faziam parte do nosso sistema atual. Dessa forma, fui criando e desenhando trajetórias para lidar com elas, sem tirar de vista que a superação delas deve também ser um objetivo.

Nesta trajetória, uma questão foi fundamental para que eu enxergasse as contradições da profissão: pensar na dicotomia opressor x oprimido, especialmente a partir dos estudos em Freire. Na Rede Design & Opressão nós sempre chegávamos à pergunta: "afinal, o designer é opressor ou oprimido?" Foi então que entendi que eu era uma designer, na condição de trabalhadora, pertencente a essa classe histórica e estruturalmente oprimida, então me reconheci neste lugar e entendi o que ele significava. Ser uma designer e me reconhecer também como uma trabalhadora oprimida, me fez querer estar ainda mais presente nas lutas e nos movimentos sociais, engajada com outros trabalhadores. Entretanto, as discussões na rede e nossos estudos – que foram desde Paulo Freire até bell hooks, passando por Frantz Fanon, Nego Bispo, Lélia Gonzalez e outros – me fizeram perceber que enquanto designers nós também ocupamos a posição de opressores. Afinal, a opressão é um fenômeno social, de grupos sobre grupos e no caso do design, nós negamos constantemente a humanidade de outro grupo social – a dos usuários –, impedindo que este desenvolva todas suas potencialidades humanas, ou a sua vocação ontológica (GONZATTO, VAN AMSTEL, 2017). O indivíduo usuário, a quem o projeto de design é destinado, é oprimido por pertencer ao grupo negado e não apenas por uma ação particular, sendo oprimido e alienado de sua própria humanidade. Ou seja, o designer é tanto opressor quanto oprimido, ele desumaniza e tem sua humanidade roubada ao mesmo tempo. Porém, essa não é uma condição natural, entendi que é fundamental os profissionais da área estarem atentos e repensando suas práticas e referências, assim como devem estar unidos como classe trabalhadora para que se libertem coletivamente de todas as opressões e superem essa contradição.

Como apontado por Paulo Freire e evidenciado neste trabalho nos capítulos anteriores, ao criar trajetórias para lidar com essas contradições do âmbito humano, também se produz cultura. Desta forma, pedi demissão e fui analisando as contradições que eu suportaria bancar, principalmente porque abrir mão da minha fonte de renda nunca foi uma opção. Afinal, ter uma renda estável e ser independente financeiramente sempre me significou muito, pois diferente das minhas origens, que são historicamente oprimidas por questões de classe, gênero e raça, agora eu tenho uma certa segurança – que me custou muito. Eu não tinha a opção de me demitir e sair viajando para buscar inspiração, ou qualquer outra alternativa que me colocasse numa posição de instabilidade. Por isso, comecei a trabalhar em outra *startup*, dessa vez com outro foco, mas que satisfaz minha necessidade financeira e me oferece um ambiente de trabalho agradável e digno. Mas sei que esse não é o cenário que quero para sempre, pois para essa empresa existir, ela precisa que o capitalismo seja a estrutura que a sustente e eu desejo e luto para que ela deixe de existir. Eu tomei consciência da minha condição enquanto trabalhadora e isso me impulsionou a engajar crítica e coletivamente na luta pelo fim de todas as opressões.

Como resultado desse processo de tomada de consciência, hoje faço parte de um coletivo de tecnologia chamado Virassol. É o meu segundo trabalho, ainda sem uma remuneração justa e adequada, mas estamos lutando para que seja. Neste coletivo, nos baseamos nos princípios da economia solidária para atender empreendimentos solidários e movimentos sociais, com um posicionamento anticapitalista bem definido e transparente para nossos clientes e parceiros. Estamos buscando operar num modo organizacional de trabalho que seja saudável, diverso, crítico e questionador. Ou seja, mesmo com as dificuldades de resistir num mundo como o nosso, assim como Paulo Freire apontou, a conscientização me ajudou a evocar a minha criatividade.

Hoje já me visualizo como uma pessoa criadora de cultura e também transformadora de mundos, porque me engajo em lutas e ações para que isso aconteça. Saí de uma consciência ingênua, onde entendia que o meu trabalho dentro de uma empresa capitalista poderia salvar o mundo. A minha compreensão de mundo ainda não conhecia os determinantes desse pensamento, as origens

neocoloniais e a opressão no discurso salvador. Hoje reconheço, e a cada dia mais, como estava alienada e passei por um processo de conscientização: do papel político que tem o designer e das contradições que isso implica. É difícil lidar com elas no dia-a-dia, mas estar ao lado de mais pessoas ao meu lado deixa a luta mais forte e mais alegre.

6. RELATO CULTURAL: O TRAJETO DA CONSCIENTIZAÇÃO DE MATEUS J. J. FILHO

Para mim, a universidade não era um espaço para me aproximar de outras pessoas, mas sim apenas um acesso ao meu diploma. Comecei a mudar a minha perspectiva graças à participação no espaço de educação informal da Rede Design & Opressão. Na rede, eu pude conhecer outros colegas do curso de Design Gráfico e me aproximar de debates que aconteciam fora das salas de aula na educação formal, coisas que não aconteciam antes porque eu já chegava atrasada para a aula, fazia minhas tarefas e logo ia embora. A Rede D&O não só me aproximou de discussões acadêmicas como me apresentou a pessoas incríveis que foram fundamentais na minha trajetória de humanização e construção de consciência crítica. Foi muito importante poder me identificar com pessoas que tiveram uma trajetória minimamente comum à minha e que estavam buscando respostas para as mesmas questões. Uma dessas pessoas com as quais pude contar foi Mateus J.J. Filho, também estudante de Design Gráfico na UTFPR e designer de experiência atuante em uma *startup*.

Durante os debates da rede, pude interagir com o Mateus várias vezes e entender seu posicionamento, compartilhar pensamentos e levantar questões. Sendo um homem racializado, sempre trouxe uma perspectiva bastante importante e única para as nossas discussões, o que me levava a ficar cada vez mais interessada em entender a relação entre raça e design. Apesar disso, eu ainda não conhecia qual tinha sido a trajetória dele até ali. Graças à Revista Recorte e à coluna Chão de Fábrica editada pelo Eduardo Souza, também membro da rede, pude conhecer um pouco mais da história inspiradora do Mateus. Foi através de seu texto "Uma identidade, mil encruzilhadas" (JOÃO PAULO FILHO, 2021) que eu conheci ainda mais sobre como enxergava sua profissão e como era fundamental para ele articular a teoria de Frantz Fanon. No texto, quando Mateus reflete sobre identidades, negritude e opressão, é possível também perceber que ele descreve um pouco de como passou por um processo de conscientização. Porém, eu gostaria de saber ainda mais sobre como se desenhou esse trajeto e por isso decidi entrevistá-lo para compor esta pesquisa. Tivemos uma conversa, que pode ser considerada uma

entrevista, mas aconteceu de modo informal e não estruturado, tal como é de praxe nos espaços de educação informal da Rede Design & Opressão.

Em seu texto (JOAO PAULO FILHO, 2021), Mateus apresenta as ideias de Frantz Fanon para articular suas ideias e apresentar sua discussão sobre o tema das encruzilhadas da identidade, especialmente a negra, e como a teoria de Fanon o ajudou a compreender que identidade e conscientização estavam interligadas. Ele diz que conheceu o autor quando buscava por reconhecimento, representatividade e identidade. Ao falar escrever o conceito de identidade, recorre novamente à teoria de Fanon: "identidade é tomar consciência de si na relação com o que lhe é exterior". Para Fanon, quando o branco cria o negro através do racismo – afinal, é uma criação pois "ser negro" não é uma condição natural, ela achata um leque de identidades. Dessa forma, a condição objetifica o negro e objetifica a si mesmo, mas com posição de maior poder e privilégio, ou seja, desumaniza e é desumanizado ao mesmo tempo. É baseada nessa ideia de negação de identidades que a branquitude enclausura tanto a negrura como a brancura, criando um fechamento entre os dois. Porém, é importante que se dialogue com o Outro para romper com o fechamento que enclausura ambas identidades. A negritude então é criada pelo negro quando ele se recusa a ser objeto do branco, para:

"romper com o fechamento criado pelo branco: libertar o negro da negrura e o branco da brancura. Isso só é dialeticamente possível com a negritude – que é, portanto, necessária e incontornável." (JOÃO PAULO FILHO, 2021).

Desse modo, "romper com o fechamento" não significa que deve-se abrir mão da negritude. No entanto, como aponta Mateus: "não podemos esquecer que o 'Negro' não é uma essência, mas uma criação limitadora de um Outro." (JOÃO PAULO FILHO, 2021). Aliás, ao contar esta história, o autor narra o seu próprio processo de conscientização de si, ao perceber-se numa identidade que continha mil encruzilhadas, que trazia várias histórias e não se restringia apenas ao que a branquitude o designava, ou melhor, ao que o enclausuravam. Tratava-se de um processo de se reconhecer como humano, de se fazer sujeito.

Mateus, inclusive aponta como no próprio design, ele sentia que as suas identidades e a dos "usuários" eram oprimidas, reduzidas a um "olhar paternalista" e salvador, sendo inclusive usada como uma ferramenta de domesticação "produzindo um imaginário neocolonialista" (JOÃO PAULO FILHO, 2021). É neste sentido que o

autor nos propõe apontar as armas da crítica para o design, já que dentro dele fingimos não enxergar o papel das opressões na estrutura social. Mateus retoma a ideia de Fanon sobre as encruzilhadas "entre identidade e diferença, entre particular e universal, entre a subjetividade e a objetividade, entre a política e o afeto, entre o passado e o futuro." Realça a armadilha de que o designer produz ao criar fechamentos e negações a partir das encruzilhadas da identidade, objetificando-se diante da branquitude e prendendo "a negritude em objetos e fetiches". Ao encerrar seu relato, articulando a sua história com a teoria de Fanon, Álvaro Vieira Pinto, Hegel, entre outros, o autor nos dá pistas de como está superando as armadilhas e se fazendo sujeito da própria existência:

"A euforia das idas e vindas esconde uma violência: eu não queria mais ser não-ser, queria ser humano, queria me tornar sujeito. Para isso, teria que me tornar branco, me diziam que eu poderia até me tornar preto, mas em um modelo específico de preto, aquele preto A. Que não é branco, mas, ao menos, não seria aquele preto nordestino, eventualmente poderia ser aquele preto designer. Em algum momento resolvi negar todos esses lugares. Mas ao mesmo tempo, não queria ficar preso em uma África onde eu sequer um dia vivi, mesmo com a experiência da ida e da volta, por não ser produto de mim, e nem do meu próprio tempo. De minha zona de não-ser sai um Micreiro que pede ao meu Designer 'peça licença', para que os dois em conjunto falem 'Laròyé Exu!'." (J. FILHO, 2021).

A história que Mateus nos conta neste relato é interessante porque aponta a questão da opressão no design, como isso afeta o designer e o usuário e como geralmente as formas de fazer design ignoram essa noção. Nesse sentido, também se mostra como uma discussão relevante para o design porque Mateus, sendo uma pessoa racializada, fala de um lugar que pouco aparece no design ou no dia-a-dia do trabalho. Parece que as armadilhas produzidas pelo design achatam as identidades, mas que armadilhas seriam essas e como elas objetificam as identidades de ambos grupos sociais (designers e usuários)?

Gonzatto e Van Amstel (2017) – também membros da Rede Design & Opressão – apresentam uma discussão a partir do conceito de corpo consciente em Freire. Este conceito propõe a superação da dicotomia entre mente e corpo, pois se a mente se conscientiza, também o faz o corpo e as tecnologias envolvidas na produção dessa existência. Dessa forma, os autores propõem o uso de corpos conscientes no design de interação, pois apontam que há a "necessidade de considerar, no projeto de interações, um olhar aprofundado para as opressões, como de gênero, raça e classe, por exemplo." (GONZATTO, VAN AMSTEL, 2017) Para os

autores, o trabalho do design, que é mediado pela tecnologia, afasta e aliena o designer do usuário e vice-versa, apagando as identidades de ambos os grupos, ou seja, desumanizando-os. Propõem, então, o uso do corpo (e não só da mente) para contribuir na superação e na conscientização dessa opressão: "além de permitir a consciência da opressão, o corpo também é o instrumento da superação da opressão." (GONZATTO, VAN AMSTEL, 2017). Ou seja, articulando a teoria freireana, Gonzatto e Van Amstel apresentam uma proposta para superar a opressão mediada pela tecnologia no design, um fato apontado por Mateus em seu texto na Revista Recorte. É importante lembrar que os três autores são membros da Rede D&O e com certeza seus pensamentos e ideias compuseram o posicionamento político desta comunidade, que inspirou tantos designers em seus processos de conscientização. Aliás, em minha conversa com Mateus, pudemos conversar e entrar mais no detalhe de como se deu esse processo e qual foi o papel da rede nisso tudo.

De início, Mateus me contou um pouco mais da sua história e de suas origens, que o influenciaram direta e indiretamente a estar e pensar como pensa. Afinal, como uma pessoa que passou e está passando por um processo de conscientização, o próprio Mateus entende os determinantes e influenciadores de seu pensar e agir – assim como Álvaro Vieira Pinto (1982) e Paulo Freire (2016) descrevem a passagem de consciência ingênua para consciência crítica. Em uma narrativa que chama a atenção de quem está ouvindo, ele me conta que seu pai, um homem negro, lutou na Guerra de Libertação da Angola. Sua mãe, mulher negra, nascida na Bahia, formada na área da saúde, é militante pela saúde pública e de qualidade, bastante engajada em ações partidárias e sindicais. Sua irmã, atriz, já fez uma iniciação científica de uma peça teatral da obra de Fanon. Seus tios foram militantes ativos no Movimento Negro Unificado (MNU). Ou seja, com uma família que nasce e resiste na luta, Mateus reconhece que muitos de seus passos até sua conscientização começaram a ser desenhados ao ter essa influência familiar. Ainda assim, em sua vida frequentou espaços embranquecidos com certa frequência, entendendo que sempre estava num campo de "disputa da consciência". Mais tarde, quando mudou-se para Curitiba para fazer faculdade de design, percebeu-se sozinho e iniciou um movimento de aproximar-se de pessoas com histórias, lutas e dilemas parecidos com os dele. Foi assim que começou a fazer parte do movimento

estudantil, inspirado pelos colegas de residência e de universidade. Na época, ele compartilhava sua moradia com cerca de 300 outros estudantes que compunham a Casa do Estudante Universitário (CEU).

Dentro da CEU, Mateus também começou a fazer parte do departamento de comunicação e cultura, junto a outros estudantes de design e comunicação, onde faziam projetos para a própria comunidade de estudantes ou grupos que tinham algum aspecto que se aproximava deles. Este foi, inclusive, o primeiro trabalho dele como designer parte de um grupo maior, integrando uma equipe de comunicação. Até então, Mateus já havia trabalhado como designer para a família dele. Essa era a primeira vez que se via compondo uma equipe de design. Nessa experiência, ele me contou como ainda não tinha tanta clareza das opressões reproduzidas em seu trabalho como designer. Por exemplo, quando fez um material de divulgação para uma escola de samba curitibana e buscou uma abordagem visual minimalista e limpa (*clean*), ficou satisfeito com o resultado, mas os donos do projeto, nem tanto. Os integrantes da escola preferiram o material feito por um de seus membros, afinal, ele teria conseguido representar símbolos da história daquela comunidade que Mateus não tinha. Aliás, neste mesmo episódio, foi convidado para ser designer da escola e recusou, pois queria trabalhar numa agência de design. Neste caso, podemos perceber a opressão gerada pela educação formal em design e o que isso gerou no Mateus. Na faculdade, era constantemente apresentado a agências de design que pareciam maravilhosas. Além disso, também tinha a noção de que em seus projetos deveria aplicar a sua especialidade e reproduzir padrões visuais aclamados pela comunidade de design, pois com certeza eles seriam os melhores e mais bonitos.

Em outro episódio, ainda quando fazia parte da equipe de comunicação da CEU, Mateus e seus colegas queriam desenvolver uma identidade visual nova para a residência estudantil. Buscaram aplicar a metodologia do *Design Thinking*, mas no meio do processo sentiram que não saberiam conduzir ele até o resultado final, pois tiveram dificuldades em transformar os resultados da pesquisa em algo tangível. Foi assim que resolveram contratar uma agência, conseguiram uma verba e pagaram um valor relativamente alto para que um grupo externo realizasse o projeto. A equipe da CEU estava certa de que a agência teria mais competência para entregar

o projeto da nova identidade visual, dada sua prévia experiência em projetos como esse. O resultado, porém, não agradou a maioria. Mateus me contou que até gostou do resultado, tentou defender os designers da agência, mas o restante de seus colegas e moradores da casa estudantil ficaram insatisfeitos. Eles afirmavam que o projeto não os representava. Dessa forma, Mateus se viu novamente numa relação contraditória: entendia a importância de valorizar e não precarizar o trabalho do designer, ao mesmo tempo em que compreendia a insatisfação dos 'usuários'.

Depois de um tempo, o designer começou a trabalhar em diferentes agências de design, alternando também com trabalhos informais em bares para compor sua renda, pois precisava bancar suas contas sozinho, numa cidade onde morava sem nenhum familiar por perto. Nessas experiências, começou a se frustrar com a realidade, que se mostrava bastante diferente das que eram apresentadas na sala de aula, acumulando uma série de funções e sendo mal pago, Mateus percebeu que o trabalho de design também estava precarizado.

Em paralelo a essa experiência profissional, Mateus foi aluno do projeto Apple Developer Academy na PUCPR, com foco em design de experiência para aplicativos. Neste projeto, Mateus ficava frustrado em não conseguir aprofundar em questões importantes (como raça) ou tornar alguns projetos mais complexos. "Ficava claro que era difícil resolver uma questão [social] complexa por meio de um aplicativo". Essas experiências também contribuíram para Mateus se aproximar de outros colegas de curso que tinham se deparado com essa realidade do design. Infelizmente, foi dentro deste mesmo curso que ele sofreu racismo por parte de alguns professores, em seus discursos que objetivam o design na ideia da branquitude. Ele só teve consciência do impacto e das origens dessas violências mais tarde, quando começou a busca por reconhecimento, representatividade e identidade – que é um pouco da história que conta em seu relato no texto da Revista Recorte.

Apresentado a ele por sua irmã, Frantz Fanon foi um autor muito importante neste processo. Inicialmente, em contato com o livro "Peles Negras, Máscaras Brancas" (FANON, 2020), Mateus se viu na história do jovem Fanon e ficou encantado com suas ideias sobre raça. Naquele momento, Mateus buscava expandir as ideias de Fanon para seus amigos designers, mas sentia que poucos

viam relação do autor com o design. Tempo depois, uma de suas amigas o avisou que estava para começar uma série de debates que buscavam entender o que Frantz Fanon tinha a ver com o design, que viriam a ser as primeiras conversas online promovidas pela Rede Design & Opressão, em 2020, em meio à pandemia. Quando começou a ler "Os Condenados da Terra" (1979) e discutir no grupo de estudos da Rede D&O, percebeu que estava conhecendo um lado do autor que ele ainda não tinha entrado em contato. Nos estudos da rede, começou a enxergar um Fanon multifacetado: engajado com a luta dos oprimidos, um verdadeiro revolucionário. A participação na rede o ajudou a perceber contradições do design e fazer relações com raça, classe e gênero. Nos primeiros encontros, sentia que estava num espaço que discutia raça, mas tinha sua a maioria dos integrantes branca e acadêmica, diferente da dele. Isso gerou uma certa estranheza, mas aos poucos foi percebendo que isso não era uma barreira, pois preferia estar naquele espaço que acolhia e respeitava a sua vivência do que discutir superficialmente em espaços que o apagavam. Era uma contradição, mas ainda sim Mateus permaneceu e ajudou a construir aquela rede, ao lado de muitos outros, participando, assim, do processo de conscientização coletiva do qual eu também fiz parte.

Depois de sua experiência com a rede, Mateus disse que as discussões realizadas ali o ajudaram a entender que ele gostava do design e queria permanecer na área, mesmo com as contradições que vinham se apresentando a ele. Hoje, ele busca um trabalho que possa trazer os temas discutidos na Rede D&O e por enquanto encontrou este lugar no coletivo negro do Partido Comunista do Brasil (PCB), o Minervino de Oliveira. Além disso, Mateus também reconhece a importância de ter tido conversas com o doutor em sociologia, Deivison Mendes Faustino, autor do livro "Frantz Fanon: um revolucionário, particularmente negro" (2018). Aliás, poder conversar e aprender sobre o pensamento de Fanon com outro homem negro, pesquisador do autor, o ajudou no processo de escrita do texto publicado na revista. Entretanto, Mateus precisou buscar um trabalho que valorizasse seu conhecimento e sua formação em design e hoje trabalha numa *startup* da área da educação. Mesmo sabendo que não é de dentro da empresa que vai conseguir pensar um design como prática de liberdade, ele ainda precisa ter uma fonte de renda para se sustentar e manter a independência financeira que o traz segurança – uma segurança que, por conta do racismo estrutural, não é comum

para pessoas negras. Ele escolheu esse emprego porque buscava algo que conseguisse lidar, sem que as contradições da profissão fossem maiores que seu corpo e mente pudessem aguentar. A partir dessas vivências trazidas por Mateus, pudemos ver como ele tem desenhado o trajeto para sua conscientização, mesmo que esteja imerso no mercado de trabalho, assim como eu.

7. DIFERENÇAS E SEMELHANÇAS: UMA REFLEXÃO DIALÓGICA DOS PROCESSOS DE CONSCIENTIZAÇÃO

Em ambas histórias, que relatam seus diferentes processos de conscientização, pudemos conhecer e observar as diferenças das experiências de vida de dois designers atuantes no mercado brasileiro. Também foi possível perceber algumas semelhanças e pontos em comum de ambas trajetórias, principalmente no momento em que elas se cruzaram na Rede Design & Opressão. Neste capítulo, buscamos traçar um diálogo entre as duas histórias, abraçando as diferenças e as semelhanças, partindo da perspectiva de Paulo Freire de "olhar o mundo e a nossa existência em sociedade como processo, algo em construção, como realidade inacabada e em constante transformação." (FREIRE, 2019 apud ZITKOSKI, 2016). Afinal, para Freire, o diálogo "é a força que impulsiona o pensar crítico-problematizador em relação à condição humana no mundo." (FREIRE, 2019 apud ZITKOSKI, 2016). Portanto, iremos retomar e refletir alguns pontos dos dois relatos, para analisá-las a fim de compreender como se deram ambos processos de conscientização.

Na história narrada por mim, eu conto como comecei a me engajar em temas políticos, começando pelo feminismo, num espaço distante da universidade. Até então, não sentia que a universidade era lugar para mim ou que poderia me apresentar coisas relevantes. As coisas começaram a mudar quando, depois de começar a militar no movimento feminista e anticapitalista, me aproximei de outras lutas contra opressão e conheci a Rede Design & Opressão. Para o Mateus, a história se desenhou de maneira diferente; desde o início da faculdade, ele já estava envolvido em movimentos estudantis e mais tarde, buscando por reconhecimento e tentando entender as armadilhas da identidade negra, conheceu Fanon, que o aproximou de debates envolvendo classe e design na Rede D&O. As circunstâncias que levaram ambos a conhecer a rede eram diferentes. Entretanto, a participação na rede influenciou em seus processos de tomada crítica da consciência das contradições do design, despertando e impulsionando outras ações engajadas de suas lutas.

É importante apontar que a história de Mateus é bastante diferente da minha. Mateus é um homem negro, cresceu perto do movimento negro e viveu o

racismo na pele. Já eu me reconheço como uma mulher parda, ainda em vias de entender o que esse reconhecimento representa, tendo vindo de uma família que tem parte de sua origem negra e indígena, mas que sempre foi incentivada a apagar essa parte de sua história. O que há em comum entre nossas histórias são as opressões vividas enquanto classe pobre e trabalhadora, ainda que entendamos as origens e as contradições que nossos empregos implicam, não podemos simplesmente abrir mão de nossas fontes de renda. Mateus sempre precisou estar num emprego para conseguir se sustentar numa cidade onde vivia sozinho. Eu sempre senti a necessidade de ter um salário para não depender da minha mãe que pouco tinha para me dar, já que o salário do trabalho doméstico é vergonhosamente injusto.

Mateus e eu somos vítimas de uma opressão de classe que impacta até mesmo nossa subjetividade, uma vez que não podemos simplesmente escolher com o que trabalhar. Porém, através do processo de conscientização coletiva pela qual passamos juntos, aprendemos a reconhecer o nosso poder criativo de fazer cultura quando entendemos que podíamos desenhar nossos próprios caminhos para lidar com as contradições que a vida nos apresentava. Hoje, estamos em empregos que nos pagam um salário digno, mas temos a plena consciência de que não vamos sossegar nessas instituições porque sabemos que não é dentro delas que a luta anti opressão terá espaço para existir. Por isso, eu e Mateus estamos engajados em diferentes espaços de luta coletiva, como o coletivo feminista Juntas, o PSOL ou o coletivo negro do PCB. Todos esses movimentos sociais e partidários têm em comum uma luta: a luta pelo fim do capitalismo, do patriarcado e do colonialismo, as estruturas que tornam possíveis a existência das opressões que vivemos hoje.

Outro ponto que destaca a diferença entre as duas pessoas é o histórico profissional e educacional de cada uma. Mateus começou cedo fazendo projetos de design para sua família e depois compôs a equipe da CEU e começou a fazer estágio, enquanto também tinha alguns trabalhos informais para compor sua renda. Eu também comecei no design bem cedo, na adolescência, mas já antes da faculdade tinha um trabalho formal como designer. Entretanto, Mateus começou seu trabalho em espaços engajados com a luta do estudante, enquanto tudo que eu buscava era me afastar disso, buscando respostas na educação informal em design

no mercado de trabalho. Apesar dessas diferenças, nós fomos apresentados aos mesmos, e até então únicos, sonhos possíveis: trabalhar numa empresa renomada, com escritórios conceituados e projetos premiados internacionalmente. Contudo, em algum momento, vivenciamos esse sonho e percebemos a falácia escondida por trás da propaganda dessas empresas: o trabalho precarizado e alienado.

Pode-se perceber que entre eu e Mateus há várias diferenças, das quais eu evidenciei algumas. Nossos processos de conscientização se desenharam a partir dessas diferenças e particularidades de cada um, mas em algum momento nós entendemos o que nos une e a necessidade de estar numa luta engajada com outras pessoas, formando uma rede que estabelece laços de solidariedade entre todas as lutas contra a opressão: a Rede Design & Opressão. Além de estarmos engajados através de outros coletivos e movimentos sociais, a rede possibilitou a conscientização de uma parte fundamental: as contradições do nosso trabalho, que ocupa grande parte da nossa vida e tem um papel tão importante para cada um de nós. Através dessa consciência crítica, pudemos reverberar isso para nossos outros espaços de luta, retomando o que Gonzatto e Van Amstel (2017) apresentaram: a consciência do corpo e mente no design para proporcionar um olhar aprofundado para as opressões. Dessa forma, criamos uma unidade entre todas essas lutas.

A participação na construção da Rede D&O foi fundamental para que pudéssemos entender o papel do nosso trabalho e ganhar ainda mais consciência de como o design também pode ser uma ferramenta para reforçar opressões. Junto aos nossos colegas e camaradas da rede, produzimos cultura e espalhamos nossos aprendizados para diversos profissionais e estudantes de design mundo afora, através das *lives*, das discussões, das publicações ou dos cursos – como o *Designs of the oppressed* (2021), que nós dois fomos alunos. Aliás, as publicações podem impactar o público de diferentes formas, mas uma vez que é principalmente amparada pelas ideias-força de Paulo Freire e na solidariedade das lutas anti opressão, é possível dizer que elas podem ser parte dos diferentes trajetos para conscientização dessas pessoas. Um exemplo disso são os comentários da publicação da Autora (ANDRADE, 2022), trazidos anteriormente, que nos permitem enxergar a potência do uso das plataformas e das redes para trazer, através da

educação informal, cada vez mais designers para o lado de cá: o lado dos que buscam o fim das opressões.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa foi conduzida por um *quefazer* que buscou refletir sobre os processos de conscientização de designers imersos no mercado de trabalho que viveram e estão vivenciando este processo de tomada crítica da consciência das contradições. Para que isso fosse possível, a pesquisa foi amparada pelo fazer autoetnográfico, navegando entre a dimensão autobiográfica (relato autobiográfico) e a dimensão cultural (relatos de outros designers). Enquanto sujeito-pesquisadora, fazer autoetnografia foi um processo de descoberta, reflexividade e conscientização, ao mesmo tempo que serviu de reatualização do momento presente. Fazer autoetnografia inicialmente parecia um grande desafio e, ao final disso tudo, reconheço que foi mesmo. Mas ao longo do trabalho pude reconhecer que eu era uma pessoa criadora de cultura e poderia, sim, contar minha própria história ao lado de outras. Como uma pessoa que passou e ainda passa por um processo de conscientização, pude compreender que a alienação cultural à qual estava sujeita havia se tornado injustificável. À medida que fui pesquisando e conhecendo as teorias apresentadas, entendi que era importante estar neste texto não só como escritora, mas como sujeito, assim como me reconheci quando adentrei a minha jornada de conscientização. Este trabalho abriu possibilidades de articular autores que, não necessariamente têm suas teorias aproveitadas no campo do design, mas que inspiraram profundamente a minha própria trajetória enquanto uma designer engajada na luta anti-opressão. Além disso, foi possível trazer o relato completo de dois estudantes de design da UTFPR, dando voz a suas histórias para potencializar a de tantos outros.

Ademais, as experiências frustradas no mercado de trabalho, as limitações e as condições precarizadas de trabalho foram importantes para que ambos designers fossem se dando conta das contradições. Isso possibilitou entender que o processo de conscientização é algo infinito, não é fixo e não tem fórmula mágica. Cada pessoa tem uma história que torna esse processo diferente. Paulo Freire e Álvaro Vieira Pinto nos apresentam uma teoria sobre como esse processo se dá e como podemos analisá-lo, mas não nos dão uma receita porque ela não existe. O que os autores fazem é nos mostrar a diferença entre uma consciência ingênua e uma consciência crítica e como a educação libertadora pode ser um dos caminhos impulsionar o indivíduo nessa jornada que é sua vocação ontológica. Porém, apesar

de entender as diferenças entre as histórias, também é possível entender a dialogicidade contida no relato de pessoas que pertenceram ao mesmo espaço coletivo.

O feminismo teve um papel fundamental no meu processo de conscientização, pois me apresentou a uma série de questões que me abriram as portas para conhecer essas lutas. A experiência no movimento negro antirracista e no movimento estudantil também foram fundamentais para Mateus perceber os limites e as contradições do design ao tratar temas complexos. A participação em espaços de conscientização coletiva como a Rede Design & Opressão, os movimentos sociais e partidários, se mostraram um caminho com grande potencial para se construir uma consciência crítica e engajada, verdadeiramente comprometida com a luta anti opressões. Além disso, esses espaços possibilitaram que os participantes se enxergassem como criadores de cultura, sujeitos de suas histórias, dando o pontapé inicial para que eles também sejam multiplicadores dessas lutas, trazendo mais pessoas a reconhecerem a sua própria consciência, entendendo as contradições e lutando juntos para superá-las. Rompendo, assim, com uma alienação cultural. Diferente de uma consciência ingênua e alienada, na qual o designer não teria um papel político, nós entendemos o impacto sistemático do trabalho do designer e vivenciamos as contradições na pele. Acredito, assim como meus colegas da Rede Design & Opressão, que designers são criadores de cultura e, por isso, devem ser tão alegres quanto responsáveis sobre isso.

Desse modo, dada as limitações de tempo em que um trabalho de conclusão de curso está imbricado, acredito que o resultado deste trabalho aponta possibilidades de desdobramentos e novas pesquisas com temáticas semelhantes. É possível aprofundar no tema da contribuição da Rede Design & Opressão e das limitações das atividades da rede para tensionar e o debate sobre conscientização coletiva. Além disso, é possível reconhecer que o trabalho traz uma perspectiva autoetnográfica ao mesmo tempo em que também traz a importância do feminismo para a autora. Articular o modo de fazer pesquisa autobiográfico com as perspectivas feministas de ciência também pode ser um desdobramento interessante para este trabalho. Este trabalho usa como principais referências a obra de Paulo Freire e Álvaro Vieira Pinto, contudo, pode ser interessante trazer as teorias de outros autores e autoras sobre os temas de conscientização e tomada crítica da consciência, articulando as teorias e gerando tensionamentos. Ou seja,

pesquisar as principais temáticas (trabalho do designer, conscientização, autobiografia, etc.) através de outras perspectivas pode adicionar elementos importantes para debater as mesmas questões e enriquecer ainda mais a produção acadêmica sobre o tema. Dessa forma, também pode ser útil na produção de reflexões críticas para trazer novos olhares para pensar a formação acadêmica do design no mundo contemporâneo.

REFERÊNCIAS

ADAMS, T. E.; ELLIS, C.; JONES, S.; **Autoethnography**. Oxford; New York Oxford University Press, 2015.

ANDRADE, P. **Porque me demiti do dream job numa startup revolucionária**. Revista Recorte, 2022. Disponível em: <<https://revistarecorte.com.br/artigos/porque-me-demiti-do-dream-job-numa-startup-revolucionaria/>>. Acesso em: 1 abr. 2022.

BENETTI, A. A autoetnografia como método de investigação artística sobre a expressividade na performance pianística. **Opus**, v. 23, n. 1, p. 147–165, 30 abr. 2017.

BOCHNER, A.; ELLIS, C. “Autoethnography, Personal Narrative, Reflexivity.” In: DENZIN, N; LINCOLN, Y (orgs.). **Handbook of qualitative research**. Thousand Oaks: Sage, 2000, p.733-768.

BROWN, T. **Change by design: How design thinking creates new alternatives for business and society**. New York: Collins Business ; Enfield, 2009.

CADURO, F. **Design gráfico e pós-modernidade**. Revista FAMECOS, Porto Alegre, n. 13, 2000.

CROUWEL, W. et al. **The debate : the legendary contest of two giants of graphic design**. New York: The Monacelli Press, 2015.

DA COSTA, A. C. R.; VELLOSO, L. M. R. Interfaces digitais de serviços de entrega de alimentos - Análise semiótica dos aplicativos da plataforma iFood. **InfoDesign - Revista Brasileira de Design da Informação**, v. 18, n. 1, 20 dez. 2021.

DESIGN & OPRESSÃO. YouTube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/c/DesigneOpress%C3%A3o/about>>. Acesso em: 20 nov. 2022.

DESIGN & OPRESSÃO. Revista Recorte. Disponível em: <<https://revistarecorte.com.br/author/designopressao/>>. Acesso em: 20 nov. 2022.

ELEUTERIO, R. **A designer articuladora de coalizões: reflexões sobre um projeto de codesign com mulheres cafeicultoras do Norte Pioneiro do Paraná.** 2019. 120p. Trabalho de Conclusão de Curso - Curso de Bacharelado em Design, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2019.

FANON, F. **Os Condenados Da Terra.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

FAUSTINO, D. **Frantz Fanon Um Revolucionário Particularmente Negro.** Ciclo Continuo. 1ª edição. 1 janeiro 2018.

FERNANDES, S. **Se quiser mudar o mundo : um guia político para quem se importa.** São Paulo, Sp: Planeta, 2020.

FIORI, E. **Aprender a dizer a sua palavra.** In: FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003. Arquivo PDF. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/espanhol/pdf%5Cpedagogia_do_oprimido.pdf>. Acesso em: 01 de novembro de 2022.

FREIRE, P. **Conscientização.** Brasil, Cortez Editora, 2018.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade.** São Paulo, Paz E Terra, 2019.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido.** Rio De Janeiro; São Paulo: Paz E Terra, 2019.

FREITAS, A. **Conscientização.** In: STRECK, D.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. *Dicionário Paulo Freire.* Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

GALEANO, E. *Celebração da voz humana /2.* In: **O Livro dos abraços.** L&PM. 2005.

GERBELLI, L. **Negros com ensino superior têm mais dificuldade para encontrar trabalho qualificado.** 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/concursos-e-emprego/noticia/2020/11/10/negros-com-ensino-superior-tem-mais-dificuldade-para-encontrar-trabalho-qualificado.ghtml>>. Acesso em: 20 nov. 2022.

GONZATTO, R; VAN AMSTEL, F. **Designing oppressive and libertarian interactions with the conscious body**. Anais do 16o. Simpósio Brasileiro de Fatores Humanos em Sistemas Computacionais, Joinville, 2017.

GROHMANN, R. **Plataformização do trabalho: entre a dataficação, a financeirização e a racionalidade neoliberal**. Revista Eptic, v. 22, n. 1, 2020.

HOOKS, B. **Ensinando a transgredir: educação como prática da liberdade**. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

HULYK, L. **Design Participativo e Economia Solidária: o papel da designer em um projeto editorial participativo**. 2021. 75p. Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2021.

QUANTO cresce o uso de apps de delivery de comida no mundo?. iFood News, 2022. Disponível em: <<https://news.ifood.com.br/quanto-cresce-o-uso-de-apps-de-delivery-de-comida-no-mundo/>>. Acesso em: 20 nov. 2022.

JOÃO PAULO FILHO, M. **Uma identidade, mil encruzilhadas - Revista Recorte**. 27 de outubro de 2021. Disponível em: <<https://revistarecorte.com.br/artigos/uma-identidade-mil-encruzilhadas/>>. Acesso em: 20 nov. 2022.

KRAUT, A. M. Make America Great Again... Again? **Center For Migration Studies**, 3 jan. 2016.

LEVY, C. **iFood não revelou detalhes da jornada de trabalho de entregadores na CPI dos Apps**. 2022. Disponível em: <<https://apublica.org/2022/08/ifood-nao-revelou-detalhes-da-jornada-de-trabalho-de-entregadores-na-cpi-dos-apps/#Entregadores>>. Acesso em: 20 nov. 2022.

LIMA, L. **Mesmo com escolaridade mais alta, profissionais de origem mais pobre crescem menos na carreira na AL**. 2022. Disponível em: <<https://exame.com/carreira/mesmo-com-escolaridade-mais-alta-profissionais-de-origem-mais-pobre-crescem-menos-na-carreira/>>. Acesso em: 20 nov. 2022.

LÓPEZ-CANO, R; OPAZO, U. **Investigación artística en musica. Problemas, métodos, experiencias y modelos**. 1. ed. Barcelona: ESMUC, 2014.

LORDE, A. **Irmã Outsider**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

MACHADO, C. **Trabalho para quem? O desemprego entre os jovens brasileiros**. 2020. Disponível em: <<https://www.futura.org.br/trabalho-para-quem-o-desemprego-entre-os-jovens-brasileiros/>>. Acesso em: 20 nov. 2022.

PRADO, G. C. **Design ativismo ou design ativista?** Estudos em Design, v. 29, n. 3, 22 dez. 2021.

RIZEK, C. **Viração e trabalho: algumas reflexões sobre dados de pesquisa**. Estudos de Sociologia, v. 11, n. 21, p. 49-58, 2006.

ROMANO, V.; SANTOS, W. **Product Design no Ifood – Layers ponto tech #10** (L. Lima, Ed.), 4 jan. 2021. Disponível em: <<https://www.layerspontotech.com.br/2021/01/04/product-design-no-ifood-layers-ponto-tech-10/>>. Acesso em: 1 abr. 2022

SANTOS, S. M. **O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios**. Plural, v. 24, n. 1, p. 214–241, 30 ago. 2017.

SOBRE. **Revista Recorte**. Disponível em: <<https://revistarecorte.com.br/sobre/>>. Acesso em: 11 abr. 2022.

STRECK, D.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

VIEIRA PINTO, A. **Sete lições sobre educação de adultos**. São Paulo: Cortez Editora, 1982.

ZITKOSKI, J. **Diálogo/Dialogicidade**. In: STRECK, D.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. Dicionário Paulo Freire. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

ZITKOSKI, J.; STRECK, D. **Quefazer**. In: STRECK, D.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. Dicionário Paulo Freire. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.